



**Ensaio sobre o  
entendimento  
humano**

*Contos*

CAETANO W. GALINDO

Sabemos que literatura não é só o texto, não é só a palavra no papel, mas um vasto conjunto de relações e articulações que entrelaçam três instâncias: a obra, o autor e o leitor. Assim como não há obra sem autor, também não há obra sem leitor.

Para um jurado de concurso, desaparecem duas dessas instâncias. Não sabemos quem é o autor, nem quem será o leitor dessa obra. Nós, jurados, não somos leitores porque não temos a opção de não ler, somos contratados para julgar. Entre os direitos imprescritíveis do leitor, como nos ensinou o escritor e professor francês Daniel Pennac, está o primeiro e mais inalienável dos direitos, o direito de não ler. Seguem-se outros direitos, o de pular páginas, o de não terminar de ler o livro, o direito de reler, de ler qualquer coisa, o direito à doença textualmente transmissível (bovarismo), o direito de ler um bocadinho aqui, outro acolá, o direito de ler em voz alta e o direito de se calar.

Leitor é turista da literatura, só procura o que é melhor ou o que é mais conhecido, o que nem sempre anda junto. Avaliador de concurso é escravo. E por isso, pode errar nas suas escolhas. E com grande frequência, erra. Na história da literatura de língua portuguesa, João Guimarães Rosa perdeu concurso literário. E Fernando Pessoa. E tantos outros.

Quando aceitamos um convite para avaliar, avaliamos também todos os riscos. Por isso, em nosso caso, na comissão de contos, todos lemos todos os concorrentes e elaboramos, cada um de nós, uma lista de preferidos. O livro que ficasse mais bem posicionado na soma das listas seria o vencedor. E aqui ele está. Com um título saboroso (literatura tem cheiro, sabor e textura), e que é uma *precisa metáfora* (o que é quase um oxímoro) do que aconteceu com Raimundo Carrero, Beatriz Resende e eu: *Ensaio sobre o entendimento humano*. Rapidamente, como são os ensaios, e com características muito pessoais, concordamos que o vencedor (nesse universo de três avaliadores) devia ser John Locke, esse pseudônimo tão filosófico que esconde alguém que não sabemos quem é.

Agora, com o original publicado, o texto se transforma em obra, o falso nome se transforma em autor, e a obra se transforma em produto cultural que encontrará (ou não) os seus leitores. De hoje em diante, neste caso, temos literatura. E como em todos os concursos, nunca saberemos se acertamos ou não. Nós, que examinamos centenas de concorrentes, acreditamos que sim. *Ensaio sobre o entendimento humano* tem um excelente equilíbrio entre os seus procedimentos construtivos e os meios expressivos utilizados para realizá-los. Nem sempre (mesmo entre especialistas como são os jurados de concursos) sabemos exatamente o que é a boa literatura, mas sabemos muito bem o que é a má literatura.

*Ensaio sobre o entendimento humano*, nós temos certeza, é muito boa literatura.

Charles Kiefer



CAETANO W. GALINDO nasceu em 1973, em Curitiba, onde mora. Desde 1998, é professor de História da Língua Portuguesa na Universidade Federal do Paraná. Traduziu obras de Thomas Pynchon, David Foster Wallace e *Ulysses*, de James Joyce — trabalho reconhecido com o Prêmio Jabuti e com um prêmio da Academia Brasileira de Letras. *Ensaio sobre o entendimento humano* é a sua estreia na literatura.



**Ensaio sobre o  
entendimento  
humano**

**BETO RICHA**  
Governador do Estado do Paraná

**PAULINO VIAPIANA**  
Secretário de Estado da Cultura

**VALÉRIA MARQUES TEIXEIRA**  
Diretora-geral da Secretaria de Estado da Cultura

**ROGÉRIO PEREIRA**  
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

**IVENS MORETTI PACHECO**  
Diretor da Imprensa Oficial do Paraná

Coordenação do Prêmio Paraná de Literatura 2013

**LUIZ REBINSKI JR.**

**MARCIO RENATO DOS SANTOS**

**OMAR GODOY**

**COMISSÃO JULGADORA DO  
PRÊMIO PARANÁ DE LITERATURA 2013**

Prêmio Newton Sampaio | Conto

**BEATRIZ RESENDE**

**CHARLES KIEFER**

**RAIMUNDO CARRERO**

Projeto gráfico | Capa | Revisão  
Preparo de originais | Produção gráfica

**RETINA 78**

Dados internacionais de catalogação na publicação  
Bibliotecária responsável: Mara Rejane Vicente Teixeira

---

Galindo, Caetano Waldrigues.  
Ensaio sobre o entendimento humano / Caetano  
Galindo. - Curitiba, PR : Secretaria de Estado da Cultura :  
Biblioteca Pública do Paraná, 2013.  
p. 92; 21 cm.

“Vencedor do Prêmio Paraná de Literatura 2013 -  
Categoria Conto.”

1. Contos brasileiros. I. Título.

CDD ( 22ª ed.)

B869.3

---





# Ensaio sobre o entendimento humano

*Contos*

CAETANO W. GALINDO





# Sumário

ela .....	07
Livre-arbítrio .....	08
Bienal (S. Med. <i>pat. req.</i> ) 2.....	14
Praquê? .....	16
Investigações filosóficas (1).....	19
Builds Character.....	20
O grande escritor.....	23
Investigações filosóficas (2).....	29
Onde? .....	32
Bienal (S. Med. <i>pat. req.</i> ) 1.....	39
Love Story.....	42
Íncubos 2.....	43
ele .....	46
Investigações filosóficas (3).....	47
Íncubos 1.....	48
Quem? .....	52
Bienal (S. Med. <i>pat. req.</i> ) 3.....	56
Penélope .....	58
Cena 2.....	60
Íncubos 4.....	62
Íncubos (três).....	65
O decálogo.....	66
Bienal (S. Med. <i>pat. req.</i> ) 5.....	78
Boa noite, tchau, até amanhã .....	80





## ela

Não, aí a gente lá na loja e eu, Bem, e esse aqui?  
Porque já estava difícil, e eu sozinha sem nenhuma ajuda.  
Desinteressado mesmo. Total.

E eu cansada de carregar o sujeito nas costas, sabe?

Aí eu, Bem, e esse aqui?

E ele, Meio demais, né...?

Cê acredita?

“Meiodemais”... !

E eu, como “meiodemais”? É exatamente o mesmo que a Vanda tem lá na casa dela e que você disse, que ele tinha dito mesmo, que quando você esteve lá na casa da Vanda, lá na Villa Paris, a Vanda minha colega de escola, um doce, fazia anos que eu não via, um amor. E ele tinha dito que era bonito. “Legal”. Lá na casa dela. Legal lá na casa dela, decerto.

E eu, Você acha a Vanda a maior perua, então...? Porque ela tem exatamente esse aí lá na casa dela...

E ele, Não sei. Sei lá. De repente aqui no mostruário eu não consegui ter noção direito.

E eu, Mas diz de uma vez, criatura, que eu já estou cansada, gostou ou não gostou. E eu até dei uma olhadinha pra moça, pra vendedora, que já tinha sacado tudo. Mulher, né? Deve ter um igualzinho em casa.

E ele me faz uma puta cara de quem tá analisando e, É... no fim acho que ia ficar bacana, Mô.

Aí eu não guentei, né.

Ai, me poupa. Vai crescer. Seja homem.

Um pouco de autenticidade também, né. Fala sério...

## Livre-arbítrio

Quando esta estória começa a dela está para acabar.

Tinha que ser uma ponte. O que deixa a coisa toda já com uma cara meio convencional, convencionada, falsa.

Tinha que ser uma ponte, tinha que ser de noite. Tudo bem.

Mas aí também tinha que ser uma ponte dessas mais velhas, com uma grade que ela conseguisse pular facinho, porque ela nunca foi boa de pular muro. E porque, convenhamos, ia ser totalmente ridículo cair da grade e morrer lá embaixo no rio por acidente.

Tinha que ser um rio.

Agora que diferença haveria de fazer. Se você decide se matar, que diferença haveria de fazer o como, o quando, o onde, e muitíssimo especialmente que diferença haveria de fazer se fosse ou não fosse totalmente ridículo, muito especialmente se ninguém soubesse que tinha sido totalmente ridículo.

E fazia diferença alguém saber?

Se ela queria se matar, se queria acabar com a própria vida, fazia diferença? Por que o rio? Por que a ponte? Por que esse momento todo ali parada do outro lado da grade que afinal foi fácil de pular e era muro, não era grade, deu pra sentar em cima e jogar as pernas e descer com bastante calma até ficar ali agora parada, de pé, pensando esse monte de merda e olhando o rio, sem ter corrido o risco de despencar por acidente e morrer descomposta, de susto.

É a última decisão que ela vai tomar.

E a mais importante.

E já tomou.

Talvez seja isso, então. Menos do que essa ideia de saber se os outros vão saber ou se vai parecer ridículo, ou sei lá o quê. E pra quem.

Talvez seja o fato de que essa decisão tem que ser pesada, medida, sentida em cada passo, em cada grau, cada degrau, em cada passo, em cada salto, em cada passo. Que pelo menos neste momento da vida dela, neste momento que vai acabar com a vida dela, ela tenha tido controle, tenha podido decidir de verdade, tenha escolhido.

Inclusive escolhido este lugar.

Que tinha ponte, em cima de um rio, que tinha grade de murinho que era fácil de pular, que tinha até, e isso também ela nem lembrava quando lembrou dessa ponte, daquele dia com as meninas, que tinha até tipo esse beiralzinho do outro lado da grade, onde ela agora podia ficar parada, sozinha.

E era longe.

Meio que no meio do mato.

Era uma estrada.

Aí inclusive tinha pouquíssima chance de aparecer alguém tipo Ei, que que cê tá fazendo aí. E aí cena.

Tipo um guarda.

Ou um carro passando. Quando ela chegou, ficou coisa de meia hora dentro do carro, relendo os bilhetes que tinha escrito e que ficaram direitinho em cima do banco. E nenhum outro carro tinha passado.

Agora, ela já estava ali fazia coisa de mais uns vinte minutos. E carro nenhum.

Era um dos maiores medos dela. De aparecer alguém e acabar com esse momento que, pelamor, era pelo menos um momento que ela queria que fosse dela, tranquilo. Pensado.

Mas não vai aparecer ninguém.

Quando esta estória acabar. Só.

Quase uma hora ali. Entre carro e beiralzinho. Quase uma hora pra chegar de casa ali naquele pedaço de estrada. Devia ser umas três da manhã agora.

Fazia pelo menos duas horas, duas horas e meia, que ela tinha decidido, pesado, escrito bilhetes, escolhido, marcado lugares. E a vontade não se alterava.

Estranhamente calma. Ela estava estranhamente calma. Nunca pensou que pudesse ser assim.

Medo do pulo ela não tinha.

Tinha era medo de alguém chegar. Assim como antes de pensar direito tinha medo de cair por acidente e morrer ridícula. Ainda tem. Mas não tem mais acidente. Agora que o murinho está atrás dela.

É decisão.

É decidir.

Ridículo, afinal, era se importar com o ridículo.

Que nem quando ela ficou tentando limpar a sola do tênis no tipo de meio-fio do outro lado do muro, antes de subir, de sentar. Porque quem foi o samonga que me veio passear com um cachorro aqui nesse meio do nada.

Deve ter sido um cachorro do mato, ridícula. Ou outro bicho. Deve estar cheio de bicho olhando em volta. Sem entender. Sem capacidade de entender ou de decidir. Que nem eu. Que eu tenho.

E a luz do carro ficou acesa. As luzes. A de dentro e a do farol. Para ela poder ver em volta. Para poder como que ter consciência. E ela ficou raspando e reolhando a sola do tênis pra tirar os restos. E aí desistiu.

Ela ia se matar, caralho.

E, quer saber, ia se matar caindo num rio. Ia lavar tudo. Ia ficar tudo limpo. Nem com isso ela tinha que se preocupar, se tinha que se preocupar com alguma coisa. E desistiu.

Mas aí o cheiro.

Parece que de mexer naquilo só piorou. De raspar um pouco e não tudo.

Não é que ela queria tipo 'gozar' o momento. Esse último momento. Como se houvesse algum prazer nisso. Nesse momento. Mas atrapalha, o cheiro.

Se bem que se ela não pula de uma vez...

Se decidi tem pelo menos três horas que vai pular e não pula de uma vez, é por quê? Se não por algum tipo de prazer nesse adeus?

Raspa de novo a sola do tênis, agora deste lado do murinho.

Só que o tal meio que beiral aqui desse lado é meio redondo, de repente até pra evitar que alguém queira ficar aqui pra pular (ela tem que se segurar no murinho o tempo todo, uma suicida que se segura para não cair). Ela esfrega a sola uma só vez, deixando uma marca comprida no cimento claro, que, claro, só piora o cheiro. E ainda deixa aquela trilha atravessada, como uma seta de merda que aponta pro rio.

Ela dá um passinho pro lado.

Com cuidado.

Suicida com cuidado.

E o mais estranho é que esse assunto todo do suicídio... Da decisão, das escolhas e decisões, de fazer essas coisas uma a uma, bilhetes, escolher roupa... Escolher roupa. Ela escolheu uma roupa. Que essa coisa toda, e esse tempo todo, essas mais de três horas cuidando disso tudo meio que apagaram o resto todo. O que levou ela a pensar naquilo tudo pra começar.

Restou a certeza da dor.

A certeza da desilusão. Da irresolução.

É só por isso que ela não mudou de ideia nesse tempo todo. Que ela ainda está aqui. Mas ela *ainda* está aqui.

Se preocupar com acabar com tudo aquilo de uma vez fez, pela primeira vez, tudo aquilo sumir do primeiro plano. Ela esteve ocupada demais nas últimas horas, fazendo finalmente alguma coisa por si própria. Finalmente alguma coisa definitiva, certa, clara, que só ela mesma podia fazer, só por ela mesma. Que não

dependia dela. Que não dependia de ela me querer ou não me querer. Que não dependia de a mãe dela achar esquisito duas meninas juntas. Que não dependia de ela se preocupar com isso e me mandar pastar. Me foder.

Não foi uma distração. Uma ocupação qualquer que apagou aquele zumbido de fundo das últimas semanas. Uma outra atividade não teria.

Foi só por eu ter decidido vir aqui, pular de uma vez, que aquilo se apagou.

Porque decidir pular *é* a solução. *Resolveu* de verdade os problemas. Os *meus* problemas.

Porque acaba. Porque não tem mais. Porque não dói mais.

E quando acabar, e não tiver, e não doer, não *é* mais problema. De ninguém.

Mas agora, já só por eu ter decidido, escolhido, feito uma coisa por mim, clara, definida, eu já posso sentir antes essa tranquilidade.

Já *é* quase como se eu não precisasse pular.

Mas isso só porque eu vou pular.

Nessa noite linda. Sem lua. Montão de estrela. Com esses bichos todos me olhando por causa da luz do uninho. Das luzes.

Com aquele rio e aquela pedrarada lá embaixo.

Bem lá embaixo.

É respirar fundo. E chega. Cansei.

\*\*\*

Foi.

Acharam o corpo dela ontem. Parece que foi tem uns dois dias.

Tinha. Tinha um monte de bilhete no carro.

Mas parece que não deu pra ler.

Parece que ela tinha deixado a janela aberta e uns bichos

entraram. Sei lá, tipo serelepe. Roeram meio que tudo. Tinha comida no carro, e a bateria tava arriada, então os caras acham que ela tinha deixado a luz acesa. Aí entrou um monte de bicho.

O estofamento. Tudo. Tava tudo ferrado.

E os bilhetes.

Meio roídos, meio rasgados.

Diz que deu pra ler só uns pedaços.

É.

Foi o que me disseram também.

É.

Que o mais engraçado era isso. Que tinha uma puta marca de lama no beiral da ponte mais ou menos de onde ela deve ter pulado. Porque tinha chovido uns dias e depois não chove mais tem uns três lá.

Que parece que no fundo, no fundo mesmo, ela acabou foi escorregando.

Foi.

## Bienal (S. Med. *pat. req.*) 2

Objeto.

Caixa de madeira construída de modo a reproduzir em detalhes a estrutura (externa e interna) de um gabinete (?) de elevador com capacidade para talvez 8 pessoas.

O gabinete em questão deve ser de padrão algo antiquado.

Telas nas portas são no entanto indesejáveis. Portas com duas folhas deslizantes são absolutamente necessárias.

Na apresentação final do *objeto* a porta estará aberta pela metade. Apenas uma das folhas tendo deslizado, revelando-se dela pouco mais que a borda.

Portas e paredes internas deverão reproduzir o conhecido *padrão* cerejeira dos laminados baratos.

Não há necessidade de se reproduzir do mecanismo externo do elevador (contrapesos, polias, cabos) nada que não diga respeito diretamente ao habitáculo de passageiros. A representação final será a de uma caixa de madeira mais rústica por fora que por dentro.

O gabinete em questão *deverá* possuir um espelho na parede dos fundos que, de resto, deve se apresentar completamente nua.

No piso do gabinete deve-se ver um tapete do tipo *capacho* de cor marrom clara, frisado de preto das bordas e que traga, no centro, a inscrição *Residencial* nitidamente legível e, onde se esperaria encontrar o nome do condomínio, um extremo desgaste que possibilite a leitura de apenas fragmentos de letras.

Na parede correspondente ao lado da porta que se abriu (ou seja, na parede mais facilmente *visível*) pelo lado de dentro, haveria a reprodução, ainda em escala, do painel de controle (modelo antiquado, com botões que, pressionados, mantêm-se mais baixos



que os outros) em que se percebe ter sido premido o botão correspondente ao sétimo andar.

A escala do *objeto* deverá ser a que baste para gerar uma peça de cinquenta e três centímetros e meio de comprimento (total), que deverá ser exibida deitada, com a abertura da porta apontando para cima, sobre soclo o mais neutro possível, preferencialmente branco, paralelepipedal, com cerca de um metro de altura e de dimensões, em sua face quadrada superior, que superem em pelo menos trinta centímetros a altura total do *objeto*.

Dentro do *habitáculo* há a reprodução tridimensional de um ser humano. Em escala. Na medida do possível com precisão fotográfica (cf. a obra de Ron Mueck).

O ocupante estará postado exatamente sob abertura da porta, plenamente visível, portanto.

Deverá estar sorrindo.

Deverá estar nu.

Deverá carregar nos braços uma coroa de flores em escala reduzida, que pareça ocupar em seu peito o espaço usualmente ocupado por um buquê de dia dos namorados.

Na coroa funerária haverá um nome escrito em letras demasiadamente ornadas e reduzidas para poder ser legível. O nome.

## Praquê?

Posso entrar?

Oi? Oi, pode. Pode. Pode... Pode, senta aí. Claro. Só me dá um segundinho que eu tenho que... que eu só tou terminando aqui... esse... Só um segundo.

Tudo bem.

*Ele sempre entrava ali com o coração na mão. O chefe sempre quis ser chamado pelo primeiro nome. O chefe era sempre só e todo sorrisos. Mas ele morria de medo. Ele era o melhor dos empregados. Ele sabia disso. Ou sabia que o chefe achava que ele era o melhor dos empregados. Mas sempre entrava ali com o coração na mão, e hoje ia tentar.*

Opa. Enter. Beleza. Diga de lá, funcionário-modelo. Algum problema?

Não. Não sei. Na verdade eu não sei, sabe?

Não.

*Risos.*

É o seguinte. Eu acho que... que eu queria uma dispensa da coisa das palestras.

Como é que é?

Das palestras. Sei lá. Meio que de repente assim só por um tempo. Mesmo.

Mas por quê, meu?

Eu não sei. Eu não estou dando conta.

Cara, você é o melhor palestrante que a gente tem. Todo mundo aqui quer ser você, cara... Por que essa dúvida de repente, meu?

É que, sabe... Eu não sei mais. A gente entra todo dia naquelas salas pra “motivar” as pessoas. Em cada empresa daquelas é isso que eles esperam da gente e é com isso que eles contam. E motivar as pessoas, mesmo que isso seja parte de um puta sistema que na verdade

é claro que só quer espremer aquelas pessoas e tirar coisas delas, é, só pode ser, uma coisa boa. Era só pensando isso, é só pensando isso que eu entro todo dia naquelas salas. Que eu sei que eu estou a serviço de uma engrenagem, de uma máquina de moer carne, mas que no fundo, pessoalmente, do meu lado, eu estou fazendo uma coisa que é ainda minimamente boa por aquelas pessoas, para aquelas pessoas. Se é pra virar patê, melhor ser moído 'motivado', né?

*Risos...?*

*Breve silêncio.*

Mas daí, de uns tempos pra cá eu tenho percebido outra coisa. Que na verdade não é essa a coisa que me motiva dentro daquelas salas. Que na verdade o meu primeiro, mais constante e mais direto objetivo em cada momento, em cada segundo de todo aquele tempo que eu fico falando com aquelas pessoas e tentando fazer que elas sejam pessoas mais seguras e que elas sejam pessoas mais seguras que vivem mais tranquilas dentro das peles lá delas, que a coisa que mais me motiva é na verdade fazer aquelas pessoas gostarem de mim. Naquela hora.

Bom... Faz parte, né?

*Sopro.*

E isso eu primeiro pensei que era até um meio que um orgulho de profissional. Que se eu queria que aquelas pessoas saíssem dali dizendo que palestrante legal e inovador e impressionante e motivador que eu era eu estava na verdade trabalhando até nos interesses da firma que me emprega, garantindo o meu emprego, o emprego dos outros empregados da firma que me emprega e, mesmo que ainda assim isso tudo estivesse ainda a serviço da tal máquina de moer carne, ainda era uma coisa, afinal, que era intrinsecamente boa. Mas depois eu percebi que não era isso. Que não era o palestrante. Ou os futuros contratos que pudessem vir das firmas em que os amigos daqueles caras trabalhavam quando eles ouvissem desses caras as maravilhas que eu, empregado de vocês, fazia

com eles. Tinha feito por eles. Que o que me motivava era a ideia de eu estar fazendo, a cada momento da palestra, aquelas pessoas acharem que eu era um cara bacana. Um cara legal, engraçado. Um cara que elas iam querer convidar pra um café. Que elas gostassem de mim.

...

E eu ainda achava que tudo bem. Que isso ainda cabia naquilo. Que podia ser egoísta, mas que no quadro geral era ainda uma coisa que funcionava pra empresa, pra minha carreira, pro futuro dos meus colegas. Apesar do moedor de carne. Mas depois eu me dei conta que eu realmente não queria que aquelas pessoas viessem me convidar pra um café. Eu não queria nem que elas viessem me dizer que tinham me achado legal. Isso me assustava. Me dava medo mesmo. Eu queria sair dali, ganhar uns elogios e receber os elogios com um ar profissional, de quem tá acostumado. Cool. E não era afetação, isso. Era o que eu queria mesmo.

E aí eu vi que eu não queria que aquelas pessoas me achassem legal de verdade. O que eu queria era que, a cada momento daquelas palestras, eu pudesse estar com a impressão de estar reproduzindo os tiques e o estilo das pessoas que as pessoas acham legais. Eu queria era ficar com a impressão de que eu estava fazendo tudo certo praquelas pessoas ficarem achando que eu era um cara legal. E isso era até mais seguro. Porque se fosse assim eles não tinham muita escolha mesmo. Eles só podiam não ter me achado legal se eles não fossem legais, ou se não merecessem um cara legal. E aí viver só com essa certeza de estar só querendo simular querer provocar uma reação era uma certeza mais segura. Mas era mais egoísta. E o estranho era que era um egoísmo que, agora, não podia fazer mais parte do moedor de carne. E por isso devia ser bom. Porque o moedor não é bom. E eu sou...

Né?

## Investigações filosóficas (1)

‘Pode ser que eu seja mesmo capaz de imaginar (conquanto não seja fácil) que cada uma das pessoas que vejo na rua convive com uma dor pavorosa, mas a oculta de alguma maneira ardilosa. E é importante o fato de eu precisar imaginar um ocultamento ardiloso aqui. Que eu não me diga simplesmente: “Bom, a alma dele sente dor: mas o que tem isso que ver com o corpo?” ou “Afinal de contas ela não precisa transparecer no corpo.”... E se eu imagino uma coisa dessas... O que é que eu faço? O que é que eu me digo? Como é que eu olho para as pessoas? Pode ser que eu olhe para uma delas e pense: “Deve ser difícil rir quando se está com tanta dor”, e muitas outras coisas na mesma verve. Eu, por assim dizer, represento um papel, *ajo* como se os outros sentissem dor. Quando eu faço isso dizem que eu, por exemplo, estou imaginando...’

## Builds Character

Eles não sabiam mais o que fazer.

Ela levantou para pegar mais um café da máquina.

– Quer mais um também?

– Quero, amor. Brigado.

– A noite já foi pras cucuias mesmo...

Ele ficou olhando pela janela, pela mínima fresta de janela que as cortinas duplas e pesadas lhe concediam. E que lhe permitiam ver na verdade apenas a parede do bloco B. Mal daria para perceber se estivesse chovendo.

O barulho meio ferroviário da máquina e o cheiro consolador do café.

A luz da cozinha se apaga e ela volta.

– Brigado, amor.

Eles não sabiam mais o que fazer. Era a terceira vez neste ano letivo em que chegavam as mesmas reclamações da escola do Betinho. E era abril.

E era só ‘este’ ano letivo. Por que essa coisa toda tinha começado, e tinha começado a dar mostras de que não iria embora assim com essa facilidade toda, ainda no ano passado (– Se bem que já no fim do ano atrasado aquele negócio com a filha ali das caras da locadora... ele tinha dito, mas já era má-vontade. Ela sentia que já era má-vontade. Mas quantidade nenhuma de boa-vontade a essas alturas, depois desse tempo todo e infundáveis e inúmeráveis reuniões com ‘gestores’, ‘psicólogos’, professores e pais de colegas, seria capaz de lhe dar a força mais de presumir que se resumisse tudo a má-vontade. O problema estava lá. O problema era ele. O Alberto. O Betinho.).

– Eu não sei mais o que fazer.

Ele estende a mão e entra com os dedos no cabelo dela, da nuca para a cabeça, como sempre. E ela não quer mas fecha os olhos. (De repente ela pensa que de repente o que mais está pensando nessa sua desorientação de agora é ter de finalmente aceitar depois de um ano inteiro ou mais dessa tortura, dessa encheção-de-saco, que não era só má-vontade. Que não explicava; não explicaria. Que o problema estava lá mesmo. Que ele tinha razão sobre o filho dela. Deles.)

*Porque então é isso. Ele estava certo. Certo o tempo todo. E eu fico com raiva por ele ter estado certo. Claro que fico mais com raiva, com mais raiva, porque o problema existe mesmo, eu claro que não foi ele, nem ele estar certo, que inventou o problema. Mas puta mesquinha-ria, né? Se o problema estava lá, se ele sabia, tinha percebido ou acreditado nos outros todos que já diziam que o problema estava mesmo lá, e ele aí me dizia isso tudo, e estava certo. E eu estava errada, por que é que eu tinha que ficar braba com ele.*

*E, quer saber? Acho que ele nunca esfregou isso de estar certo na minha cara. Nem antes nem agora.*

*Porque aí eu até podia ficar puta. Se ele tivesse.*

*Mas não. Mas nunca.*

*E aí o que acontece é que eu fico mais puta é comigo mesma. Por não ter dado ouvidos, claro, antes. Mas agora. Por continuar meio que ficando com vontade de ficar puta com ele. Raiva do meu reflexo de raiva.*

*Porque a gente tá junto nessa, né?*

– Nem eu, amor. Nem eu.

– ...

– A gente nunca lidou com uma coisa dessas, né?

Ela dá um meio-sorriso.

– Parece que no nosso tempo nem tinha essas coisas.

Ele toma o café. Dá um beijo no rosto dela, retira a mão do cabelo. Sai pelo mesmo caminho por onde entrou. Para não alterar nada da desordem. Respira fundo, olha de novo pela janela.

*Se ela tivesse percebido essa frestinha da cortina já tinha fechado. Ou pedido pra eu fechar. E ela ia ter razão, né? Nem dá pra ver nada ali. E colocar as coisas no lugar sempre faz bem. E ela tem razão. Deixar as desordens em ordem, ela diz. E eu nunca entendi. Ou gosto de fingir que nunca entendi. Deixar as coisas na desordem em que se encontram, organizadamente desorganizadas. Ou impor uma ordem às coisas que estão em desordem.*

*Mas acho que ela sabe. Acho que ela entende.*

*Ela acha que eu acho que ela acha que eu estou contra o Betinho. Que ela está na posição de defender a cria, e eu sou o advogado malvado do diabo. Se bem que...*

*E ela tem razão. No fundo, ela tem razão. Foi isso mesmo que eu fiz. E foi isso mesmo que eu fiz mais quanto mais eu achava que ela achava que era isso que eu estava fazendo. Porque eu estava puto. Com ele, comigo. E com ela. Porque ela fingia que não via.*

*Mas claro que via. Claro que sabia.*

*E se eu não tivesse sido tão anta eu tinha dito isso mesmo. Assim mesmo. A situação é essa. A dele e a nossa. Mas não. E ela nunca me acusou.*

– Wilson, como que é que pode ele ser assim?

– Assim, como?



## O grande escritor

O grande escritor havia já semeado sobre o mundo bela meiadúzia de grandes livros. Ele deveria ser tido como responsável por nada mais que boa, muito boa, meiadúzia de grandes livros. Repetir antes das refeições.

Contudo o grande escritor tinha entre seus feitos amealhado belo milhar de grandes fãs. Admiradores. Responsabilidades?

Ele muito possivelmente não sabia disso com qualquer grau de precisão. E muito provavelmente (o grande escritor era de natureza particularmente reclusa, especialmente em tempos de quase patológica exposição midiática, sequer tendo seu próprio *website*, não dando muitas entrevistas: quando se casou, a notícia levou meses para surgir na *internet*: Talvez esse itálico seja desnecessário. O grande escritor, afinal, sublime manejador de itálicos e outras convenções gráficas, parecia ainda acreditar que podia levar uma vida algo independente da mídia e do milhar de admiradores que seu trabalho sempre incansável, brilhante e original com a palavra escrita e com as almas humanas que manipulava como compositor e como regente de seres lhe havia amealhado) pouco se importava com essa ou qualquer outra quantificação. Distinção.

Era talvez por isso mesmo que havia conseguido se tornar um grande escritor e, mais especificamente, o grande escritor que era.

Cerca de cinco anos antes do momento em que se passa a angústia, esta angústia, o grande escritor havia aceitado participar de um programa de *resident writers* em uma grande universidade norte-americana. Como parte de seu contrato, para além de um período de efetiva residência no *campus* da dita universidade norte-americana, período esse entremeado por seminários e palestras diversos de diversa natureza, havia a obrigatoriedade

de, transcorridos os xis meses dessa estada, o grande escritor participar de um grande evento coletivo (junto de outro escritor, significativamente menos ‘grande’ que o grande escritor como escritor, conquanto em tudo e por tudo equiparável a ele como ser humano que percorre o mesmo vale de lágrimas. Realçar.) em que seria entrevistado por um dos professores daquela grande universidade norte-americana antes de terminar a noite com a leitura de alguns fragmentos (de qualquer natureza: muitos ou um, com a duração desejada de cerca de trinta minutos em leitura pausada, convinável a situação semelhante) da literatura que lhe as musas houvessem outorgado compor durante os xis meses em que fora alimentado pelos milionários que doavam suas fortunas à grande universidade norte-americana e pagavam ainda *tuitions* extorsivas para nela verem seus filhos, futuros presidentes, CEOs e, por que não, ‘grandes’ grandes escritores, sendo que a referida universidade contava, como de regra, com um programa de *creative writing*, e contava na verdade sondar o grande escritor (ainda jovem e vinculado de forma algo insatisfatória a uma não-tão-grande universidade norte-americana) a respeito da possibilidade de vir ele a ocupar a recém-criada cadeira Walt Disney de redação criativa naquela instituição. (Esses filhos também tenderiam a doar parte significativa de suas futuras fortunas a sua *alma mater*. Era a ideia.)

Naquela situação, o grande escritor, quase proverbialmente tímido, se saiu com galhardia (Virou folclore entre os alunos da universidade, e posteriormente, depois que a transcrição do evento vazou para a internet, já sem itálico, entre leitores *urbi et orbe*, o momento em que ele declarou que, apesar de saber que a etiqueta que rege esse tipo de eventos pedia que ele periodicamente erguesse os olhos da folha de papel para dirigir ligeiros olhares a seu público enquanto lia seus fragmentos – numa demonstração que reconhecia servir como manifestação fática e, simultaneamente, ter certa função solidária, por minimizar, diríamos nós,

o *anatotipismo* que é a leitura em voz alta de literatura romanesca concebida original e finalmente para leitura silenciosa – era incapaz de fazê-lo [levantar os olhos da folha para etc.] sem perder irremediavelmente sua localização no texto que lia e que, assim, ver-se-ia obrigado a fechar os olhos [metáfora] para essa constrição sem que, no entanto, deixasse de estar [*verbatim*] *agudamente consciente* da presença de seu público [Risos]) e criatividade.

Neste momento, transcorridos cerca de cinco anos daquela leitura alguns dos fragmentos e mesmo um conto completo lido naquele momento já haviam sido encontrados em livros efetivamente publicados pelo grande escritor.

Mas não todos.

Dois deles se mantinham inéditos.

Ambos tratavam de meninos. Homens. Homens que ainda não eram. Meninos em algo que o leitor (leitor das obras do grande escritor, nesse momento ouvinte, no entanto – nesse e em muitos outros subsequentes [momentos], pois que retornava incessantemente aos arquivos na internet que registravam a leitura daqueles fragmentos) convencionou definir como ritos de passagem, momentos de transição. Momentos de formação. Ele. É que convencionou. Frisar.

Por sua única conta e único seu risco; não pequeno, ver-se-á.

O primeiro deles (menino, não fragmento) era menos interessante. Aliás, era precisamente sua natureza não-interessante o assunto do “fragmento” (e as aspas se revestiam cada vez de muitos e mais significados muito e mais profundos e diversificados para o “leitor”). Ponto.

Era um menino basicamente perfeito, em um momento perfeito. Ele montava sua festa de aniversário e, nela, propiciava ao narrador todas as oportunidades de iconizar em um momento chave (a festa de aniversário = o rito de passagem) as características que enformavam sua perfeição.

Ele não queria presentes. Pedia que as pessoas enviassem, ao invés disso, pequenas somas de dinheiro (que não fossem lhes fazer falta) para instituições de caridade (afinal de contas, havia tantas pessoas que tinham necessidades tão mais sérias que as suas [dele, menino em questão] [Isso era óbvio, já]...). E eram comentários de teor semelhante aos que estão aqui entre colchetes que, mais que os fatos em si, representavam a irritante perfeição do menino, nítido símbolo de toda uma classe culpística da sociedade americana.

O grande escritor *era* americano.

Sua festa seria toda servida em material descartável, reciclável... assim por diante.

Ninguém comparece.

Ninguém suporta a perfeição absoluta do menino que, conquanto expressa de forma a levantar os pelos de qualquer leitor minimamente sensível a lugares-comuns de caridade e boas-intenções das classes elevadas, não deixava, por um minuto sequer, de representar de fato fatos e informações inquestionavelmente *bons*.

(Da necessidade de se aprender a necessidade de se italicizar o adjetivo *bom*.)

O rito de passagem.

O segundo era muito mais inventivo, e também desenvolvido mais longamente.

Tratava de um menino, bem mais novo que o anterior, talvez com cerca de oito anos de idade, que se dedicava, de início levemente, depois com uma dedicação insana que o isolava de todo o resto do *são* convívio social e o levava a se enfiar em leituras e estudos médicos e anatômicos (o que propicia também ao narrador largo campo para verdadeiras incursões ensaísticas em torno das mesmas questões, potencializando assim a aparente trivialidade da situação do menino, discutida em termos médicos frios, e apenas mensurada em seu todo impacto emocional e humano pela figura do pai que, imóvel, se colocava contra a porta

do quarto do filho e, mudo, ficava ali sem entrar, sem bater, preso ele a sua angústia, incapaz de tocar a de seu filho), à tarefa autoproposta de tentar tocar com seus lábios (e a recusa do narrador em usar o verbo *beijar* mais uma vez demonstrava o ângulo e a distância que tinha se proposto) todas as partes de seu corpo. Ele se dedicava a.

E anotava em um caderno todas as partes que já tinha tocado. E pelas quais imediatamente perdia interesse.

Tocado o pérfino, era partir para a parte de dentro do joelho. Sublinhar a frieza.

O menino, em sua monomania, se lesionava. O menino se deformava e seus professores começavam a reclamar de seus lábios (artificialmente distendidos por séries de exercícios específicos) que lhe davam um ar vagamente sorridente, vaga, mas concreta e incomodamente, lúbrico.

O menino parecia perdido.

E acima de todo o processo restava a sombra da expectativa dos locais (sua nuca, o espaço entre os ombros, nas costas.) que jamais poderia tocar.

Ritos de passagem.

Passados os anos todos, o leitor passou a se conformar com a ideia de que o grande escritor apenas poderia estar preparando um imenso romance mosaico (imenso, devido à conhecida prolixidade do grande escritor) a respeito dos momentos singelamente terríveis e horrendamente cotidianos que regem a criação de homens, a cada dia, em cada canto daquela América.

Baseado em nada mais que sua expectativa. Mesmo.

Nem mesmo boatos na internet (e as comunidades dedicadas a discutir a obra e a vida do grande escritor pululavam por todos os cantos da rede) vinham acudi-lo em suas suspeitas. Sozinho. Trancado em seu apartamento, dedicado à tarefa de reler

ciclicamente toda a produção do grande escritor enquanto mineirava a *web* em busca de confirmação, em busca de certeza.

Ele desenvolveu todo o arcabouço do novo romance, que seguiu adaptando à medida que o grande escritor publicava novos livros de contos (mas ainda não um terceiro romance, ainda não o romance que seria o ápice definitivo de sua carreira) que revelavam clarissimamente evoluções, mudanças, correções de trajetória. Ele precisava adequar o novo romance do grande escritor, afinal, a o que de fato o grande escritor parecia estar se tornando.

E o novo livro ia se formando mais e melhor. Muito. Muito melhor...

A grande obra de um grande escritor. Definitivamente definitiva. E o leitor, sentado na cama, sorria ele também de forma algo preocupante (algo lúbrica?) ao vislumbrar a perfeição do romance que apenas o grande escritor poderia escrever. Ele. Ele era incapaz. Ele não era grande. Nem era escritor.

Em seus momentos mais desesperados ele temia que nem mesmo o escritor fosse grande à altura da grandeza daquele romance inexistente. Mas ele o estava escrevendo...?

E tudo que o leitor mais temia agora era o lançamento de um novo grande romance do grande escritor, que jamais poderia igualar o seu romance do grande escritor. E que poderia mesmo representar o definitivo engavetamento daqueles fragmentos (experiências vãs, teria pensado ele, que não valem mais o papel em que seriam impressas neste ponto da minha carreira... quase me arrependo de ter escrito) e da ideia de que eles poderiam ter sido importantes a ponto de justificar dez, mais, anos de maturação e desenvolvimento.

Escritores são vis.

Seria traído de maneira indizível.

## Investigações filosóficas (2)

É um exercício mental. Uma proposta de imagem.

Como que uma metáfora.

Para que o leitor tenha a capacidade de verificar por si próprio o que ele pretende dizer. Para que ele consiga dizer o que pretende dizer sem ter de *dizer*, porque afinal, como se vê pelo exemplo, ele basicamente não consegue acreditar na possibilidade de se dizer alguma coisa nos termos que são mais comumente considerados pelo, digamos, senso comum. E então ele usualmente prefere que o leitor tenha a possibilidade de ir seguindo por si próprio o fio das ideias, guiado por ele, pela mão, pela mão dele, até chegar sozinho a pensar e compreender o que ele acredita ter pensado e compreendido.<sup>1</sup>

Trata-se da seguinte situação.

Uma comunidade em que todos carreguem pendurada no pescoço uma caixinha.

Dentro desta caixinha está uma coisa. Que ele chama de besouro.

Todos sabem que têm dentro de sua caixa um besouro. Todos sabem, porque olham durante toda sua vida para este besouro, que características físicas ele tem e que tipo de processos ocorrem com ele.

1. Não podemos deixar de considerar que esse processo está igualmente mergulhado nos paradoxos e nas contradições envolvidas no complexo e, no limite, insolúvel problema que é a reflexão sobre a linguagem dentro da linguagem. Por mais que a maiêutica possa ter parecido um processo interessante por tentar realizar o parto da ideia no interlocutor, sem que ele se visse necessariamente preso a suas interpretações da enunciação do que é, afinal, basicamente inefável, ela não pode deixar de ser vista, discursivamente, como um processo igualmente *poluído* em que a comunicação esconde manipulação, ação do locutor sobre o interlocutor e, igualmente, reação deste sobre aquele.

Todos acreditam saber<sup>2</sup> que as caixas dos outros também contém um besouro. Por quê?

Porque todos dizem uns aos outros que suas caixas contêm um besouro.

Mas, e esse passo é absolutamente fundamental, ninguém, jamais (por qualquer convenção social, jurídica ou de outra natureza), pode olhar dentro de outra caixa que não a sua.

Todos vivem a convenção de saber que todos têm dentro daquelas caixas plenamente visíveis um besouro. E para que mais elas serviriam?

Uma segunda complicação do problema, conforme proposto originalmente pelo sujeito que me contou, é que ele deixa pelo menos suposto que naquele mundo não existem seres chamados de besouros que não sejam aqueles dentro das caixas.

Ou seja, não só os indivíduos não podem saber que o que os outros levam no peito é um besouro igual ao seu, ou em que medida diferente, como não podem, no fundo, saber se o que os outros chamam de besouro é essencialmente o mesmo bicho que carregam em suas caixas fechadas.

Tudo a que podem recorrer para compreender em algum sentido ativo e relevante uma sentença como ‘meu besouro perdeu uma perna’, para imaginar o que aconteceu, saber que uma perna fará falta ao besouro e sentir em alguma medida a dor que sente o animal e a dor, simpática, que sente seu proprietário é funda em igual medida na ignorância da situação de fato e na crença de que essa ignorância é contornável, com base em um sentimento comum, um fundo comum, no fundo baseado em pouco mais que nada de concreto.

No momento em que o texto do sujeito original diz ‘chamemos essa coisa de besouro’, ele está fazendo na verdade algo que

2. E vejam como já é necessária e interessante a modalização: *acreditam* saber.

Qual a diferença entre um saber e outro? Eis basicamente a essência da impossibilidade de resposta ao problema.



aquela sociedade teve ela mesma de fazer em algum momento. Decidir um nome para algo que parece comum àqueles indivíduos, para algo que é perfeitamente compreensível para cada um deles, com base em suas evidências próprias e na convenção, ou na crença da comunidade.

Algo que todos eles entendem. Um nome útil que todos eles usam sem vacilar. Um instrumento poderoso, com o qual descrevem a realidade e entendem, ou acreditam entender, as descrições da realidade feitas pelos outros.

Uma possibilidade de que as realidades se comuniquem.

Chamemos essa coisa de besouro.

Mas podia ser dor.

Podia ser nada.

Podia ser eu.

## Onde?

Sabe aquelas cenas de filme de ficção científica?

Normal... Sabe? Pô, que que custa?

Imagina assim. O cara foi tipo abduzido no meio de uma estrada de noite. Aí o público, claro, viu botarem ele no disco voador, decolarem e tal. Aí ele acorda na manhã seguinte.

Manhã, meu.

Sei lá quanto tempo.

Certo. Té parece.

Vamos supor que a gente tá falando unicamente do tempo psicológico. Lá do próprio do próprio cara abduzido. O tempo. É só isso que importa aqui. E na verdade é meio que já isso mesmo que eu quero te dizer, porque essa estória do filme de ficção científica ainda não é o que eu quero te dizer.

...

Tem.

Tem a ver sim. Trabalha e confia.

Ó só.

Aí o cara acorda e tipo não faz a menor diferença se a viagem intertransgálica levou dois meses, cem anos ou dois minutos. Pra ele é a manhã seguinte. Cara, eu não acredito que eu já tou me desviando assim desse jeito.

Aí o cara acorda e tá lá no meio da nave.

Não.

Sei lá eu, você não viu que é sempre assim? Que o cara acorda sozinho?

Será que dá pra...

Tá.

É.

Então. Acordou.

Olhou em volta, não reconheceu nada. Aí ele sai por uma escotilha da nave e...

Tem.

Tem esses, também. É verdade. Que daí o cara acorda e tá tipo preso num quarto, numa cela. E imediatamente vem daí o alienígena tipo mór e fala com o cara. O que aliás dava também, até que dava mesmo, pra eu te falar uma coisa que nem ia ser assim tão diferente dessa coisa que eu quero te falar.

Mas é.

Se um dia você me deixar terminar a porra da estória.

Eu sei que eu disse que a estória não era o que eu queria te dizer mas, puta que pariu.

Alegoria. Sabe parábola?

...

É...?

Pô...?

Tá.

Aí o cara saiu pela escotilha, a música sobe...

É, aí eu tenho que reconhecer que você tá certo. A verdade falou pela boca de pequeno gafanhoto! A música tinha que ser do John Williams.

E aí a música sobe e o que é que ele vê?

(Você já reparou nessa coisa da pergunta retórica? Ih. Olha só... É, é que eu tava meio que pensando nisso, sabe? Ó... Tá vendendo? De como as pessoas vivem apontando o dedo pra tudo quanto é *mania* e as *moda* na língua, no uso da língua, mas elas só fazem isso quando é com palavra. Ou uma expressão. Mas e quando é uma moda tipo retórica? Viu? A pergunta retórica tá meio que na moda... Nequinho vai dizer o que achou do filme e diz *aí sabe*

*o que eu que achei?* E te diz o que que ele achou. É estranho. É só meio que um teatro de querer saber a resposta... Quando o cara, sempre, o cara quer é te *dar* a resposta)

...

Mas então, o cara que que ele vê?

O mundo alienígena inteiro em todo o seu glorioso esplendor etezal...!

Na ficção científica mais das antigas arriscava ele ver um deserto vermelho, no máximo com umas criaturas lá bem lonjão. Mas não é isso que faz bater o coração do moderno produtor de filmes de ficção científica, meu caro amigo.

A gente meio que já passou dessa coisa que era assim a infância da concepção do *outro*. O deserto. O estranhamento.

Hoje o que era mais prototipicamente alienígena ia ser o cara ver pela escotilha uma cidade em pleno movimento. Centenas, milhares de pessoas andando de um lado pro outro. Carros ou, sei lá, plataformas voantes e tal.

Movimento.

Tipo uma metrópole terrestre mesmo, mas com esse indicezinho safado que já basta pra criar o maior estranhamento que o cinema já conseguiu inventar, sabe como?

É.

No fim de contas vai mesmo.

Na mesma direção de a gente ter inventado sempre uns alienígenas que são sempre meio quase iguais à gente...

Sei lá, um ser que fosse tipo uma bolha verde pulsante fazendo blob podia até fazer a cabeça do Roger Corman ainda, mas definitivamente não tem *sex appeal* pra hoje em dia.

A gente vive obcecado pela diferença mas em escala antropológica. O alienígena pra nós é meio que nem, sei lá, os muçulmanos-bomba.

É.

É verdade, eles chamam mesmo.

Vai ver é que por isso que são eles que fazem os filmes em questã!

Então, o que realmente liga o nosso esquisitômetro de repente são esses alienígenas que são quase iguais à gente. Que os caras moram numas cidades quase iguais às nossas. Eles são mais esquisitos quanto mais parecidos com a gente eles forem.

Sei lá. Desde *Invasores de Corpos*, né?

Tipo *Eles Estão Entre Nós*. O nosso terror é por aí.

Vem daí.

Tudo bem que tem *A Verdade Está Lá Fora*. Mas até aí nesse caso eles estavam entre nós. Ou entre eles lá.

Foi-se o tempo dos bárbaros dos romanos, dos comunistas que comiam criancinhas... Tipo o PCC mora na esquina, e o cara que atirou o boeing no onze de setembro comprava hambúrguer até ontem na minha loja.

É.

O mundo dos caras verdeblob só ia causar riso hoje em dia. A gente continua equacionando o outro e o medo, mas a gente ri da ingenuidade dos caras, e das gerações inteiras, meu, que tinham medo de um outro que podia ser representado decentemente por uma bolota de meleca!

A gente sabe que o outro há de ser sempre *quase* igual.

...

Né?

Mas então.

Tem esse *absurdo*. Absurdo tipo que nem o dos franceses, dos existencialistas. Ver aquele mundo ali que é tão parecido com o nosso e que ao mesmo tempo é lá de outro planeta. E tal.

Mas, pelo menos pra mim, e pelo menos hoje em dia, tem também a coisa da técnica.

É.

Da de fazer os filmes, mesmo.

Porque antigamente...

É, eu sei, antigamente é foda.

Mas *antigamente* pra fazer uma cena dessas você ia precisar de uma multidão de extras e tal. Um bando de gente igual à gente disfarçado tudo de gente *quase* igual à gente. Mas que no fundo era gente mesmo. E os cara mais espírito de porco podiam ficar procurando os relógios que nem nos filmes de Egito e de Roma e tal...

Mas agora não.

Os caras animam essas multidões.

Não é maluco?

Tipo Deus, véio...

*Animam*, põem alma nas multidões.

E agora tem uns programas de tipo inteligência artificial...

É, eu sei.

Mas eu acho mesmo que esse tipo de coisa eles também chamam de inteligência artificial.

Por isso mesmo.

Porque eles meio que dão uma inteligência individual de mentira pra cada uma daquelas criaturas de pixels que o animador criou. Elas se comportam meio assim tipo independentes, sabe?

Sei eu.

Elas devem ter lá um conjunto de atos, de gestos e coisas que elas podem fazer e um conjunto de direções tipo *seguir mais ou menos nessa direção* e tal.

Mas *como*, na batata, elas vão mesmo fazer isso não é mais o animador que define, sabe? Essas criaturinhas que não são mais gente disfarçada agora meio que são disfarces de gente...?

Antes eram os extras que imitavam uns seres que não existiam. Agora são uns seres que não existem que imitam os extras que imitavam...

É. Pois é né?

Muito louco.

Mas então. O que me interessa na coisa toda dessa estória toda é isso.

...

Que quando o cara vê, sei lá, o navoporto do filme, tem esses dois estranhamentos malucos.

Que de um lado a gente tem essa sensação maluca do *tem alguma coisa errada*.

E é pouco. E é um desvio pequeno, mas que já chega pra jogar a gente no outro mundo.

Tem mais familiaridade que desvio.

É.

Tipo uma trissomia mesmo.

E do outro lado a gente (ou eu, pelo menos) fica com essa consciência muito da peculiar de que quanto mais realista for a sequência mais artificiosa que ela foi.

E veja só que eu tou falando de realismo pra descrever o navoporto de beta do centauro...

Mas isso.

Que quanto mais parecer *de verdade* mais na verdade teve uma simulação de verdade ali, e que hoje em dia isso entra inclusive na aparente randomidade dos movimentos e do livre-arbítrio de cada um daqueles *personagens*...

É.

Que tudo ali é estranho por ser *quase*, defeituosamente *quase* igual a nós.

E que cada *ser* ali dentro é habitado por uma coisa misteriosa que faz com que ele aparente ter vontade própria.

E se você junta as duas coisas você fica pensando se a tal coisa misteriosa que *anima* aqueles *outros* da ficção não é misteriosa só por que é *quase* igual a o que quer que eu tenha lá dentro de mim.

E que me dá a ilusão de que eu tenho autonomia.

Que eu tenho vontade.

E que só por ser ilusória essa ilusão é que eu acho que a coisa misteriosa é *diferente*.

Porque o *quase* igual não existe. Só parece que existe por que a ficção, no fim de contas, é a gente também.

Igual as criaturas.

Sou eu, sabe como?

...

Era isso.

Que foi bem isso que eu senti quando eu parei ontem de noite no caixa do supermercado olhando aquelas pessoas indo e vindo e comprando e pagando no supermercado.

Um montão.

De gente.

De uns outros estranhos que iam e viam com vida dentro deles e com vidas em volta e por trás e pela frente.

Ontem de noite, ainda. Aqui mesmo.



## Bienal (S. Med. *pat. req.*) 1

*Homo* \*(?)-ens

A ser instalado em qualquer ponto de circulação. Corredor, passagem. Nenhuma necessidade de espaço reservado ou isolamento.

A.

Reprodução em escala grande (2,40 x 1,25) de fotografia digital de alta resolução (ao menos 8 megapixels seriam aconselháveis) da superfície frontal de um aparelho de controle remoto do padrão mais comumente oferecido pelas operadoras de tevê a cabo na cidade em que se realize a exposição. Como no entanto ficará claro a seguir, é mais provável que o controle tenha de refletir o padrão de alguns anos antes, caso tenha ocorrido qualquer mudança.

É fundamental que o controle a ser fotografado tenha sido efetivamente utilizado durante um considerável intervalo de tempo, preferencialmente por uma família.

Tal situação acarretaria por necessidade ao menos duas características que seriam centrais para o efeito pretendido pela obra.

1. Um padrão de desgaste (brilho ou descoloração) em torno dos botões correspondentes aos números dos canais mais assistidos pela família, o que, no caso de famílias suficientemente numerosas e complexas costuma gerar padrões algo variados, conquanto ainda nitidamente observáveis. O mais desejável seria mesmo que se pudesse encontrar um aparelho (o que não deveria ser particularmente difícil) em que alguns números estivessem mesmo parcial ou totalmente apagados pela pressão contínua e repetida dos dedos ao longo dos meses/anos.

2. Padrões de depósito de restos de alimentos e de poeira nas demais áreas do controle, usualmente no interstício entre os botões de borracha e o painel plástico em que se gravam os números.

É recomendável que se produza a plotagem final da imagem sobre tela de *backlight* de iluminação pouco menos forte que o normal, produzindo, desejavelmente, efeito semelhante ao que se conseguiria com a ampliação de uma fotografia produzida com negativos individuais de tamanho customizado. (Choque tecnologia x valorização da estética *vintage*.)

## B.

Caixas sonoras ocultas em disposição *surround* (com potência suficiente para amplificar o som de modo a fazê-lo audível a não menos de 20 metros do ponto em que se encontra a imagem ampliada). Das caixas projeta-se a gravação (em *loop* contínuo de não menos de 10 minutos de duração) do som ambiente da praça de alimentação do *shopping center* ou centro comercial mais movimentado da cidade em que se realize a exposição.

A gravação deverá se realizar preferentemente em um dia de movimento particularmente elevado, durante a hora do almoço (seja ela qual for, em cada cidade), idealmente através de um microfone posicionado no alto (talvez misturado aos *sprinklers* anti-incêndio, o que lhe forneceria quase nula conspicuidade), ou de diversos deles, posteriormente *mixados* a ponto de se poder perceber com suficiente nitidez contra o *ruído branco* da conversa intermitente e contínua dos frequentadores e dos sons dos talheres e pratos de metal ou de plástico, das embalagens de papel e de plástico que se rasgam e dos eventuais sons ingestivos ou digestivos que se possam insinuar, os sinais sonoros (com suficiente nitidez, cf. supra) frequentemente utilizados pelos *restaurantes* para

anunciar a mudança de senhas em seus sistemas luminosos de comunicação com os clientes.

Caso não se encontre o ambiente propício à gravação na cidade em que se realize a exposição (apesar de tal possibilidade eliminar um pouco do pretendido efeito de *individualidade* que a obra almeja alcançar, por exemplo, negando-se a enviar uma imagem previamente digitalizada de um aparelho qualquer de controle remoto<sup>1</sup>), há, de posse do artista, um *loop* gravado em sua cidade natal que ele, de qualquer maneira, considera de alguma maneira frustrante, talvez pelo fato de que uma das referidas campanhas sonoras reproduza à perfeição (o que talvez não seja percebido pela maioria do público, no entanto) as três primeiras notas da canção *Chega de Saudade*.<sup>2</sup>

1. A primeira montagem utilizava a imagem do aparelho da casa da família nuclear do artista.

2. Tom Jobim e Vinícius de Moraes.

## Love Story

Ela era como um tumor.

Talvez. Talvez o tempo passado entre o primeiro germe de sua presença e o momento em que ele, transtornado, detectou que ela era já parte da sua vida, indelével, incontornável, fosse de fato muito maior do que o tempo que durou esse convívio.

Como um tumor, a presença dela se gerou em seu interior. Ela era certamente um corpo estranho. Algo que vinha do Mundo. Algo que o penetrara. Um mísero grão de pó. De pólen.

Mas no momento em que chegava o momento de dolorosamente se livrar dela ele percebia que na verdade o que importava, a única coisa que realmente importava em toda essa história era o que fazia dela uma história. Era a reação do seu corpo, do se interior, era tudo aquilo que nele reagira a ela e fizera dela parte do seu corpo, parte do que de mais íntimo ele tinha.

Ele a adotara, a recolhera a envolvera com o que de seu pudera lhe dar. E com isso ela mudou de identidade. E era essa nova identidade o que fazia dela uma presença digna de nota. Era essa identidade nova que a transformava em algo que ele, com sua necessidade de ordem, de desimpedimento, precisava imediatamente extirpar, sem atenção pelas convenções sociais. Ele simplesmente sentia, sabia, que se não o fizesse em breve não poderia mais respirar.

E enquanto a rolava entre os dedos e se preparava para jogá-la ao chão, ele não só de fato respirava melhor, mais silenciosamente, como se divertia, mesmo com o fato de estar fazendo isso por baixo da mesa, quase que diante dos olhos de todos.

## Íncubos 2

Este está dormindo.

Caiu no sono assim que encostou a orelha no travesseiro. Estava cansado. Ele está cansado.

Deitado de lado, um braço sobre o corpo da mulher, ele no entanto não tem a aparência que aparentemente deveria aparentar. Se tudo está tão bem, se o dia foi tão bom, se ele está tão cansado e tão realizado que caiu imediatamente no sono, no sono dos justos, por que essa cara travada?

Mas deve ser só impressão. Muito pouca luz aqui no quarto. A cortina, apesar do que a mulher dele insiste em repetir, deixa entrar muito pouca luz. Muito difícil ver no escuro. E está sempre escuro, senão por que é que a gente ia precisar de luz?

Ela dormiu também. E dormiu rápido, apesar da sua impressão de que nunca mais ia conseguir dormir, de que a noite ia ser longuíssima. Mas vai ser essa impressão que ela vai guardar. E seria essa impressão, de que foi de fato uma noite longuíssima em que ela mal conseguiu pegar no sono, que ela comunicaria a qualquer amiga amanhã, se fosse dessas de falar qualquer coisa com qualquer amiga. Que amiga? Ela não é dessas. Dessas amigas.

Dormiu rápido. Dormiram os dois.

“O sono dos justos.”

Ninguém aqui é justo. Mas os dois dormem que é uma beleza.

A cara travada dele, se é que tem uma cara travada ali, deve ser por coisas que ele nem sabe. Que lhe travam a cara. Se é que travam.

Ela dorme o sono dos justos apesar de tudo. Três meses já com isso!

Já ele, vejamos. (E está lá, sim, a cara travada.)

Ele dorme o sono dos justos apesar de toda a satisfação, de toda a empolgação que a assinatura do contrato com os mineiros lhe tinha causado ainda naquela tarde, depois de todo aquele tempo pensando meio que só naquilo, a coitada da mulher dele nem devia mais aguentar ouvir ele só falar daquilo nos últimos três meses, ele estava uma pilha, mas agora não, depois que assinou foi só alegria, teve até festa no escritório, a maior empolgação mesmo, bem que bem ele contou pra Lúcia quando chegou em casa, e ela nem deu muita bola, ele até pensou que era meio sacanagem dela isso mas aí lembrou também que dava do mesmo jeito pra pensar que era era sacanagem dele ficar esperando que ela estivesse com o mesmo tipo de satisfação que ele tinha, mesmo tendo ouvido ele ficar falando disso meses e meses a fio, ou talvez até por isso, sacanagem dele, mas mesmo assim ele dorme, dorme que nem um anjinho de cara feia, um anjo feio, um anjo do escuro, porque a cortina aqui afinal deixa o quarto escuro mesmo, dorme o sono dos anjos justos apesar de todos os sentimentos algo contrastantes que tem em relação ao André, por achar que ele subiu rápido demais ali na firma depois de ter sido apresentado por ele ao pessoal da empresa, dois, três anos atrás, meio de favor em nome dos velhos tempos, da faculdade, apesar que fazia anos que ele nem tinha mais visto o André, e que eles nem se falavam tanto assim lá na facu, o André já era, se você para pra pensar, o André já meio que era um cara esquisitão, se você parar pra pensar, mas era competente, foi uma boa aquisição, todo mundo falou, e aí de repente, não mais que de repente, ele era mais importante e mais boa-aquisição que todo mundo, e virou chefe da seção em coisa de meses, parecia meses, podia ser mais, mas parecia assim, em coisa de meses, em questão de meses, e claro que a firma andou bem, como ele mesmo dizia, o André, andou, cresceu, contratou mais gente, se você parar pra pensar esse pessoalzinho novo, do Tiago pra frente, meio que devia o emprego a

ele, afinal foi só por causa do crescimento que eles entraram, e o crescimento foi só por causa do André, e o André só foi por causa dele, só veio por causa dele, por indicação dele, dele que devia, pelas contas de todo mundo lá atrás, dele que devia ser chefe da seção a essa altura, tinha tempo já, que tinha tempo, que tinha bem mais tempo de empresa que todo mundo ali, que era da casa, que tinha crescido com a empresa, crescido pouco, é verdade, antes do André, mas se até o André era contribuição dele, ora, ele acabou perdendo o posto, perdendo a promoção pra um cara que só ao ter sido contratado, por sugestão dele, por contribuição dele, provava que ele era o cara certo para tomar decisões ali, pra contratar pessoas, pra contribuir, se o André era melhor que ele, tudo bem que ele não tinha mulher, não tinha essas pressões de horário de estar em casa, podia trabalhar de noite, aí grande surpresa que ele era mais produtivo, mas se o André era melhor que ele, ainda mais com isso de ser solteiro, isso de ser solteiro era que era a diferença, o cara tinha tanto tempo de sobra, de noite, que ele acabava até conseguindo sempre esticar mais a hora do almoço, voltava às vezes quase no meio da tarde já nos últimos meses, e com a maior cara de satisfeito, descansado mesmo, porque ele dava conta do trabalho era tudo de noite, mas se ele era melhor que ele, se o André era melhor que ele, afinal, isso não era exatamente a prova de que era ele que devia ser o chefe?

## ele

Porque não adianta só a primeira vista.

Isso de primeira vista é definitivamente pra gente inexperiente. Vou te contar por exemplo. Por exemplo, eu estava num shopping e vi uma puta menina linda que ia indo pra comida árabe. Puta menina bonita mesmo assim de cara sem a menor dúvida. Atrás de um treco tipo um balcão com umas flor em cima que quando a menina ia passando meio que só dava pra ver ela tipo das costela pra cima.

Mas mesmo assim, meu. Uns puta peitão assim de babar mesmo. Numa daquelas blusinha justinha que elas usam sabe? Dava pra ver uns pedacinho da alça do sutiã e tudo. Uma blusinha bem degotadinha que mostrava di-rei-ti-nho aqueles peitão que parecia que queriam pedir pra sair dali direto pra minha mão.

Linda, linda, linda.

Aquela pele lisinha, redonda...

De babar mesmo, meu.

Assim à primeira vista.

Mas aí, eis que senão quando, que a menina continua andando pra comida árabe e sai de trás do tal do tipo do balcão de flor e quando ela aparece inteira na outra ponta ela era toda meio gordinha, meu.

Sabe?

Os peitão eram mais banha que... que sei lá...!

E tipo faz diferença, meu.

A mina era maior gordona.



## **Investigações filosóficas (3)**

– Sabe qual foi a coisa mais profunda que ele disse?

...

– Sobre o que não se pode falar, se deve calar...

...

# Íncubos 1

Eu não acredito.

...

...

(Ela se vira.)

...

...

(Suspira.)

...

Puta que pariu.

E o pior é ainda não poder nem fazer barulho. Saco. Mas foi-se. Foi-se. Adeus, soninho.

E justo hoje. Justo hoje.

Puta dia comprido.

Tudo bem que o dele deve ter sido também. Pelo que ele falou, pelo menos... E, meu deusinho do céu, mas como falou, meu. Pelo amor. Nunca vi uma coisa dessas. Já chegou solando. Parecia que tinha tomado alguma coisa. Será que ele tomou alguma coisa?

Mas que coisa, Maria Cristina, mas que coisa.... Que coisa. Onde já se viu. Não dava nem tempo. Ele chegou na hora de sempre, do jeito de sempre, só que a mil. A mil e um. Falando pelos quatro cotovelos. Um sorriso enorme.

Dá uma tristeza, isso dá.

Deixa pelo menos ver se eu consigo puxar essa coberta aqui sem acordar ele. Prendeu embaixo do braço. Mas tudo bem, do jeito que ele está hoje eu podia puxar isso aqui até fazer ele sair rodopiando.

Dar um trancão assim. Sair que nem pião. E aposto que caía dormindo do lado da cama. Pelo menos um puxãozinho mais.

Engraçado que parece essas horas que são essas coisas. Que é totalmente impossível. Que a única razão de você não conseguir dormir é essa coberta embolada aqui, ou curta ali, ou a coceira do elástico da calcinha. Ai, meu Deus. Será que dá pra coçar com a mão esquerda...

Mas dá uma tristeza mesmo, isso. Dá.

De por que é que você olha o teu marido chegar em casa todo feliz, quase saltitante mesmo, uma puta cara radiante, e você não consegue ficar feliz.

Eu até meio que me diverti na hora. Pensei, eh! Qual que é, Amadeu? Acho que até falei isso. Devo ter falado.

Mas no fundo eu estava era rodando aqui umas coisas tipo o que que ele me aprontou? Ou nem isso. Que eu sabia que ele não tinha aprontado nada. Conheço o seu Amadeu. Deve ser só culpa.

Ou nem isso. No fundo mesmo eu estava era pensando tipo qual que é, mané, de onde essa cara? Taí se abrindo que nem guarda-chuva por quê.

Eu devo até ter falado isso. Acho que falei.

E ele nem tchuns.

Só o sorriso.

Tudo bem que fazia meses mesmo que eles estavam torcendo pra aquele pessoal de Minas fechar com eles. E que diz que todo mundo ficou superfeliz lá na agência, que nem foi só ele. Diz que até mandaram o guri descer comprar umas cocas e umas coxinhas.

Procê ver...

Isso com aquele zumbi do André de chefe. Nossa, deve ter sido a *maior* festança.

Hfffff...

Sacanagem.

De novo. Só maldade, no fim. É só maldade.

Deve ser culpa.

Os caras estavam felizes. Que comam coxinha! Pois que comedes coxinha e vos fartades! E infartades!

(Ela sorri. Pisca cada vez mais lentamente.)

(Suspira.)

Deve ser culpa.

Aí ele me chega com aquela carantonha de satisfeito. Sastisfeito.

Trouxe um presente? Nem.

Trouxe coxinha? Té parece...

Só o falatório. E me contando tudo de novo pela trocentésima vez. Como se eu já não soubesse a porra da história do 'pessoal lá de Minas'. Ladiminns. Ele simplesmente não consegue não dizer. Capaz de apostar que ele fala até pros caras ladiminns. Desse jeito. Imagina. Sabe Deus como foi que eles conseguiram 'fechar' com esse povo.

Nunca devem ter visto nem a fuça do Amadeu.

Maior surpresa, que vai ser.

Sacanagem. Só porque não me trouxe coxinha...

(Ela sorri. Olhos bem abertos.)

Deve ser. Só pode ser.

Se bem que eu duvido. Não tem a menor noção. Nem de nada.

Só quer saber é do contrato com os mineiros e de zumbir na minha orelha na janta. Me chamou pra ir comer fora? Já que era comemoração? Nada. Só quer saber é do tal do contrato.

Engraçado que eu já tinha até esquecido essa estória. Ele até parecia também, que tinha. Esquecido. Aí tudo de novo.

Aquele monte de número, aquele 'monditrem' que precisou pra fechar com os caras. A estória toda de novo. Que o André que conseguiu, que tudo bem que ele nunca foi muito com a cara do André, mas que foi ele que fechou.

Será que ele disse isso mesmo?

Que nunca foi com a cara do André?

Se-rá?

Não sei não. Eles sempre se deram bem. Direitinho, pelo menos. E o André também me disse a mesma coisa. Sempre.

Mas hoje tudo lindo. Purcausdumonditrem que deu certo. Que tudo deu certo. Que maravilha. Só coxinha. Mondicoxinha.

E ele estava feliz. Estava mesmo. E eu achei ruim. Pensei qual que é, mané.

Puta sacanagem. Sacaneando com ele e achando ruim ele estar com cara boa. O cara estava animado, ora. Ara.

Ora-ora. Arara.

Tinha era que trocar essa cortina. Fica uma luz. E tem hora que parece que só isso que é a coisa. A coisa da cortina embolada embaixo do braço.

Que não vai dar pra você dormir por causa disso.

Do braço dele aqui embolado em mim todo feliz na coberta. Da cortina da luz.

Deve ser culpa.

Mas aposto que ele nem imagina de mim e do André.

## Quem?

Não.

Ainda ontem de tarde.

É.

Tinha, mas não tinha mais.

Não sei.

Tinha ainda uma faixa na frente que dizia *estamos em greve*. Mas é bem verdade que a faixa era menor que a faixa que tava lá antes. No mesmo lugar.

Já.

Ontem.

Ontem não, sexta-feira. Ontem...

Na frente, mas assim meio à meia-altura, meio pras pessoas poderem passar. Tava até tipo pinçadinha assim de um lado pra garantir que a gente pudesse passar sem ter que baixar muito a cabeça.

É. Engraçado. Sem ter que se curvar.

Só um pouquinho.

Estava. Estava direto. Funcionando. Pelo menos ali os caixas eletrônicos. E hoje eu até quando vi a tal da faixa que eu até vi que era menor e tal mas que ainda assim era uma faixa e ainda assim dizia afinal de contas a mesma coisa que a faixa de sexta... Eu entrei mesmo assim e fui tipo direto pros caixas eletrônicos.

Aí uma velha falou alguma coisa com o segurança pelo meio da porta de vidro assim e ele disse não, pode entrar. Com vírgula. E lá foi a velhinha.

E eu aí levantei a cabeça e olhei e no que eu olhei chegou uma menina e falou com o segurança e fez que ia entrar aí eu fui entrar também porque se eu não entrasse eu achava mesmo que eu

não ia conseguir pagar o negócio que eu tinha que pagar porque não dava mais pra agendar pros dias úteis e coisa e tal. Eu até topei com a menina porque ela ficou presa ali na porta de detector de metal e aí eu disse eu vou passar na tua frente e ela fez uns muxoxos sorridentes.

E eu pensando que tinha ganhado um lugar na fila.

E não deu outra, a velha estava lá, mas a menina não. E aí eu fiquei na fila.

Mais.

Mais uma galerinha lá. Tipo umas sete pessoas.

É.

Sinal de maturidade. Quando eu era criança era inimaginável dizer umas sete pessoas.

É.

[*Os dois riem algo constrangidos. Mas parece que deveria ser engraçado.*]

Pois é.

...

Então, aí vem o segurança.

Não. Outro, mais velho.

E diz assim, por aqui. Porque a gente não tava naquelas linhas que eles grudam no chão com fita amarela pra guiar as filas de bem mais de sete pessoas que eles têm por lá.

Só isso. Por aqui.

E, tipo, que diferença fazia, afinal?

Aí umas duas circunvoluções minhas pensaram assim ah vai tomar no cu, meu. Que diferença que fazia, afinal?

E a gente não é gado e coisa e tal e eu tava num banco e era bem fácil você começar a pensar sobre os aspas tempos modernos e a burocratização e a titerização do indivíduo no moderno estado de direito e another brick in the wall e tudo. Mas, meu, você vê como isso tudo é meio voltar de woodstock a pé?

Não sei.

Pode ser. Tipo uma metadominação. Rir da noção do domínio. E o moderno ceticismo niilista e coisa e tal entrando que nem luva no que [*tremolo*] as elites [*tremolo*] esperam pra poder afinal meter a gente dentro das linhas da fita amarela na fila do banco pra pagar o cartão de crédito...

Mas não.

Não sei, cara. Mas alguma coisa nas minhas outras circunvoluções todas me dizia que o cara que fosse realmente capaz de se ofender com o pedido do mané do guardinha cedeeéfe era na verdade o cara que tinha em muito baixa conta a sua própria desgadificação.

Sabe?

Carregar o coração numa bandeja e reclamar que os outros te machucam a cada topada...?

O cara pra achar que alguém está tolhendo a liberdade dele e colocando ele numa canga que nem gado só porque alguém é um guardinha cedeeéfe meio mané que acha que tem que cumprir as ordens e as regras e tal não é um cara que valoriza a liberdade dele. É um cara que acredita que a liberdade dele está arriscada por causa de um guardinha e uma linha amarela.

É um cara que dá muito pouco valor a essa liberdade individual...

Ou a coisa nem ia amassar a lataria dele.

Não sei.

Não.

Não, foi rapidinho..

Pois é. Tava. Tava bem na minha frente.

Sei lá. Vai ver que ela acha indecente pedir privilégio de furar fila se ela está ainda se sentindo pimpona e galharda. E fica na fila.



Ela que sabe.

O tempo todo.

É. Uma velha pimpona. Reta e maquiada.

Quase sem cabelo. Tudo tudo ralinho assim que parecia uma floresta do alto... Uns cabelinho de pé e o chão corderrosa.

É.

Daquele tipo que ela deve olhar no espelho e achar que todo mundo vê que nem ela.

Que o cabelo dela não pode ser visto de cima.

E que ainda está bem bonitinho assim todo pra cima. E suficiente.

## Bienal (S. Med. *pat. req.*) 3

Somente uma sala branca. Azulejada inteira.

Em um dos azulejos, na parede do fundo, à direita, junto ao chão, escritas em azul e numa fonte gótica tão elaborada que quase impeça sua identificação as letras, minúsculas, *bwv*.

Só.

No centro da sala, imediatamente à frente da porta de entrada, um bloco de concreto, de altura suficiente para garantir que chegue como que à cintura do espectador médio.<sup>1</sup> Sobre ele o diapasão.<sup>2</sup> O diapasão fica ligado à corrente elétrica e vibra constantemente depois de acionados os sensores. Sempre na mesma frequência, sempre inaudível. O que importa apenas é que se possa ver a vibração.

Logo sobre a porta da entrada, os sensores de ultrassom e as fontes de ultrassom empregadas para bombardear a cabeça do ingressante com um espectro de ondas senoidais de frequências simples múltiplas da faixa 27-55 Hz. Também inaudíveis.

O software desenvolvido, no entanto, é capaz de medir as vibrações cranianas simpáticas e determinar, mesmo na ausência de ressonância fundamental plena detectável (via triangulação de quintas ou quartas justas), a frequência de vibração autônoma do crânio do espectador.<sup>3</sup>

A partir desse dado, as fontes de emissão de ondas senoidais de espectro audível passam a gerar a frequência determinada, assim

1. Esses números podem variar. Quando a obra foi montada em Tianjin o soclo em questão tinha pouco mais 60 por cento da altura do que havia sido utilizado em Riga.

2. Dimensões totais: 1,5m de altura por 0,5 de largura e 0,2 de profundidade.

3. Obviamente apenas um espectador por vez.

como seus múltiplos dentro do espectro audível e, também, as frequências dominantes e subdominantes trianguladas, resultando num acorde curiosamente agradável e ao mesmo tempo dissonante. Em alguma medida.

O resultado esperado, e repetidamente obtido, é o crânio do espectador entrando em ressonância simpática com as frequências produzidas.<sup>4</sup>

A cabeça do ingressante efetivamente vibra na sua frequência natural. Levemente.

Harmonia.

4. Em Tianjin houve também a possibilidade da instalação de iluminação de espectro variável, que era como 'afinada' com a frequência musical deduzida, inundando a reflexiva sala branca de uma tonalidade cromática como que 'correspondente' à mistura dos tons das três frequências (tônica, sub-, e dominante). Cf. os círculos de quintas luminosas de A. Scriábin.

## Penélope

Ele que foi embora.

Não importa o que ela diga. O que possa dizer depois. Foi ele quem foi embora de casa. Assim. Foi mesmo. Foi muito embora.

Mas não. Pra elas não importa. O que importa é o que elas dizem, pelos quatro cotovelos das porras dos ventos dos sete mares. E não a verdade. Não a verdade de verdade. Essa não.

Que ele que saiu, fechou a porra da porta, bem quietinho, que era pra não acordar o cachorro. Porque aí virava tudo era uma festa. E de resmungo só, nenhenhém, que porra, que me acordou, e coisa...

Mas ele foi quem saiu sem explicação. Sem dar direito a pensar.

Maior golpe no coração dela.

Absolutamente inesperado, ninguém consegue ter ideia do que anda pela cabeça de um sujeito calado. Dos anos de banho-maria, de fervura a frio, de pensar sem pensar até que não pudesse mais evitar, nem mais pensar, nem pensar, meu, até que fosse hora de parar. E era. E foi.

E foi embora. Ele.

E ela, certamente achando que tinha sido só mais uma das brigas de sempre. Vamos dormir calados, e eu fico aqui bufando de vez em quando, pra ele ver que eu ainda não dormi, que estou carregando um monte de dores imensas.

Ela achando que ele tinha ido pro trabalho, que nem todo dia. Todo dia. Ele vai, mas volta, meu. Assim. Ainda tive a consideração de deixar a porra da mensagem na secretária.

Agora, onde é que ela andava mesmo no meio da tarde, porque foi no meio da tarde que ele deixou a porra da mensagem na porra da secretária, que ele nunca nem quis ter, aquela secretária, mas

que ali ele achou que era até bom, sabe como? Não queria nunca mais nem ver, nem nunca mais, a cara dela. Nem a secretária.

E isso assim, sem mais nem meio mais, sem mais nem porquê, assim sem mais nem menos. Porque ela não podia saber o que andava pela cabeça dele em vinte anos. Mas ela achava que sim, que tudo, tudo via, tudo sabia, com a porra da tal da sensibilidade... feminina.

Agora, ali, a casa morta, vazia. Três dias. O mais que a gente ficou sem se ver em vinte anos.

Nem ouviu a porra da mensagem. E levou o cachorro.

## Cena 2

botão.

tom.

silêncio gravado...

respiração gravada...

voz gravada: Oi... olha.. eu nem sei porque que eu estou ligando... tudo bem com você?... quer dizer... nessas últimas sete horas, né... [fora do microfone] *Coisa imbecil...* deve estar tudo bem, né?... amor, olha... hoje de manhã eu saí pro trabalho, sabe... sabe, né?... cê nem me viu em casa, onde mais que eu podia estar, né... se eu vou pro trabalho todo dia...

silêncio...

sabe, ontem eu não queria ter dito aquilo tudo pra você... é claro que você não merece... mas, sabe?... chega uma hora que enche o saco, amor... chega uma hora que a gente não aguenta mais... aquela conversa de sempre, aquela estória que eu não falo, que eu não me abro, que eu não sei lá o quê... olha, a coisa é simplesmente o seguinte, agora, eu não sei onde é que você pode estar assim no meio da tarde sendo que nem é dia de levar o cachorro pro banho, porra, Elza, eu não tenho a menor ideia, mas era só o que me faltava agora, você me inventar de ter um caso... o negócio é o seguinte,

dona Elza, eu estou pouco me fodendo, se  
você quer jogar vinte anos de casamento  
no lixo por causa da porra do cara que dá  
banho em cachorro, cê pensa que eu não  
sei... olha, o seguinte... é o seguinte... pra  
tua grande surpresa, eu não aguento mais,  
eu não tenho mais paciência pra você ficar  
pensando que eu nunca vou dar um pas-  
so sozinho, na tua frente, iniciativa, sabe  
como?... eu estou indo embora dessa por-  
ra dessa casa, e só estou tendo a conside-  
ração de te avisar porque, ao contrário de  
você, eu ainda respeito essa porra desse ca-  
samento que a gente levou vinte anos pra  
construir, mas que está desabando na mi-  
nha cabeça tem vinte anos!... cansei... pra  
tua grande surpresa... eu dei o tal passo e  
fui embora... deixei você pra trás... hoje de  
manhã... deixei você, o teu cachorro fedo-  
rento e a porra do cara do banho e tosa,  
tudo pra trás e, quer saber?, pela primeira  
vez eu estou adorando essa porra dessa se-  
cretária eletrônica que você me fez pagar,  
mês a mês, porque eu nunca, nunca, nun-  
ca, nunca mais quero nem ouvir a tua voz!  
ruído do telefone,  
que bate no gancho.  
silêncio.  
tom breve.  
voz *in loco*:

Mais nada na secretária. Deve ter avisado todo mundo.

## Íncubos 4

Foi do meio do nada.

Três e pouco da manhã, fofa. Tipo quase quatro.

É. Silêncio mortal. Total. Eu ali dormindo quietinha depois de ter levado sei lá, horas, pra dormir.

Porque ele tinha chegado zureta de contente em casa, falando mais que a mulher da cobra. É. Por causa da coisa dos mineiros.

Nossa. Como que você lembrava dessa?

É?

Então.

Aí ele chegou todo falante, a gente acabou indo ir deitar mais tarde, e eu acho que estava meio ligada. Demorei pra dormir. Pra engatar no soninho.

Acho que eu meio que tinha acabado de dormir. Tipo mais de quatro horas, já. Passava.

E do meio do nada eu tomo um susto que quase me joga na parede do meu lado da cama.

Foi até esquisito.

A sensação que eu tive na hora, e a lembrança que eu tenho até agora, é como se primeiro eu tivesse pulado da cama, *depois* tivesse acordado e só *depois* tivesse tomado o susto.

Nessa ordem, pulo, acorda, assusta. Como se eu tivesse pulado dormindo de tão rápida que foi a reação.

E por alguma razão eu pulei e levei o lençol comigo.

Não.

Não o de baixo, o de cima.

Só o lençol, a coberta ficou embolada nele. Parecia aqueles negócios de mágica, de mágico, sabe. Eu puxei o lençol meio assim pra me cobrir, pra me proteger dele, e arranquei tudo inteirinho



da cama sem nem bulir com a coberta, e aí eu estava lá parada tremendo encostada na parede e coberta com um lençolzinho de flor que eu ficava segurando com as duas mãos bem apertadas na frente do peito, quando eu acordei. Porque foi só aí que eu acordei.

Se o meu cabelo não estivesse ainda balançando, e o lençol, eu nem ia entender que tinha me mexido da cama. Parecia que eu tinha teletransportado pra ali.

E a coberta, a que ficou na cama, foi o que embolou nele quando ele quis sair da cama, porque ele quis sair da cama, foi meio que a primeira coisa que eu percebi, que apesar do meu susto e do meu medo ele não estava vindo pra cima de mim. Ele estava pulando da cama pro lado dele do quarto. Mas ele se embolou na coberta e saiu meio trambolhando da cama e caiu lá do outro lado e teve uma hora que por isso ele sumiu.

...

E eu fiquei sozinha parada ali tremendo e fazendo um barulhinho baixinho, e eu só percebi que estava fazendo o barulhinho baixinho por causa desse silêncio, porque na hora do grito não dava pra ouvir nada.

Sozinha no escuro tremendo e com esse grito fino bem baixo.

E mais ninguém no quarto. Era a impressão. Porque ele caiu e não se mexia, não fazia barulho, nada. Parecia que tinha morrido.

E eu lembro que eu pensei, será que ele morreu?

E eu lembro que eu fiquei desesperada. Que me deu um vazio enorme, um puta medo mesmo, de ele ter morrido mesmo, de uma vez, assim antes de eu poder. Antes de qualquer coisa melhor.

E ao mesmo tempo eu pensava se isso lá era jeito de morrer. Acordar todo mundo no meio da madrugada com aquele grito horrível e aí cambulhar pra fora da cama e morrer na frente do criado-mudo.

Foi. Foi um grito horroroso. Pareceu que foi no meio de um sonho. Por isso que acho que eu demorei pra acordar. Porque as coisas

emendaram, sabe? Eu estava sonhando e aquele grito meio que foi crescendo dentro do sonho, como se fizesse parte do sonho, aumentando, aumentando. E quando explodiu foi que o volume me fez acordar. Primeiro pular da cama e depois acordar. Nessa ordem.

E aí eu vi que não era mais sonho.

E aí que eu vi que o meu marido tinha era tido um treco e morrido embaixo do criado-mudo embrulhado na coberta.

E eu lembro que eu ainda olhei pra cama. De onde eu estava não dava pra ver ele no chão, só meio que uma mancha clara da coberta e do pijama dele, mas a cama dava pra ver, toda desfeita, toda tipo rasgada pela metade.

...

Desculpa.

...

E o lado dele. O lado dele estava inteiro empapado, escuro até. Dava pra ver porque a cortina lá do quarto não é lá grandes coisas, sabe? Dava pra ver. E era como se naquela hora, com ele ali morto na frente do criado-mudo, aquela marca fosse meio a cicatriz dele no mundo.

...

Mas ele não estava morto.

Mas também não levantou.

E quando eu comecei a ganhar coragem e decidi esticar o pescoço por cima da cama pro lado dele, o que eu vi foram as mãos dele indo bem devagar, bem travadinhas, pra cima da cara, e o grito começando de novo. Começando igual no meu sonho, baixo e constante e crescendo.

E eu sabia que ia explodir tudo de novo. Tudo.

## Íncubos (três)

Nossa.

Fazia tanto tempo.

E foi ela que quis. Foi ela quem tomou a iniciativa.

Primeiro sem nem querer. Dormindo mesmo. Pôs a mão nele, deve ter sido na barriga. E quando viu, quando se deu conta... Ele dormindo ainda.

E começou a mexer. Bem devagarinho porque não sabia se queria que ele acordasse. Ela não queria acordar. Aquilo nem era de verdade. Mas começou a mexer. E começou a gostar.

E se encostou mais nele, que estava enorme. Que era um homem enorme, e ela se encolheu e meio que desapareceu do lado dele. Como que à sombra dele.

E cheiroso.

E foi quando ela quis. Foi quando ela tomou a iniciativa, foi quando tudo começou a ficar indizivelmente bom. Indizivelmente bom de novo, como antes, como sempre, como era para ser, para sempre.

Foi aí que ela começou a emitir um grito baixo. Prazer. Que cresceu aos poucos.

# O decálogo

## 1. Visto da janela,

O contador aposentado Laércio Flores estava nu. Acreditava ser em tudo e por tudo mais prático tirar tudo do corpo, que já deixava dobrado e guardado no quarto, mingunte, antes de se dirigir para o banho, só, só com a toalha na mão.

(Era tudo. O que o contador aposentado Laércio Flores deixava em cima da cama dobrado. Não o corpo. Ainda não.)

O contador aposentado Laércio Flores tinha que atravessar somente o corredor da casa para chegar até o banheiro. Tomava sempre cuidado, resguardado, em passar rapidamente pela porta do quarto de guardados, que sua mulher deixava sempre aberta, diante da janela, que sua mulher guardava sempre escancarada. Dava trabalho, isso. Acrescentava um quê de aventura ao banho diário. Quase diário.

Laércio Flores era um contador aposentado até que muito asseadinho.

Já a esposa do Flores achava tudo isso descrito acima mera e acabadamente nojento. Aquele panção cabeludo balançando pelo corredor. Ai, tem dó.

## 2. O primeiro a ser avisado

Olha só.

...

Eu sei.

...

Mas, ó, não bastasse o atrapalho todo que já é aquele povo todo parado pra ver o que que estava acontecendo...

...

Um bando de inútil.

...

Andando rindo e falando bobagem, meu. Tem o quê pra olhar aqui? Aí a estúpida me começa a dar instrução. Olhe e veja, meu amigo. Admire:

*Os estudantes agora, gente, é a polícia que está pedindo e a gente não custa ajudar um pouquinho pra poder continuar com a manifestação, é isso aí, tá bonito, então, olha aqui, os estudantes, gente, que estão aqui com a gente na luta pelo passe-livre, eles, é pra eles saírem aqui da marechal, é isso?, é isso, gente, e é pra eles virem aqui pro outro lado do carro aqui pra marechal, gente, é pra contornar aqui o carro de som e sair pra marechal, pra outra marechal aqui, agora os estudantes que são lá do estadual, e que vieram aqui se juntar com a gente mas na luta pelo horário da biblioteca do estadual, eles ficam aqui mesmo na marechal, e é pra eles seguirem aqui pela pista da esquerda, que é aqui onde está o caminhão do som, certo gente, que é pra não atrapalhar o trânsito que a polícia já está dando uma puta mão, né, gente?, então, ó, o pessoal do passe livre, passa aqui para a marechal pra poder estar dando continuidade pra passeata e o resto fica aqui mesmo aqui no cantinho, certo, gente, aqui, na marechal...?*

...

E berra. Puta que pariu, a vaca não é capaz de saber o nome das ruas. Puta que pariu.

...

Não. Aí tocou o celular e era a minha mãe.

...

Nem fodendo, cara.

...

Não ia dar mesmo pra ouvir nada, com ela falando daquele jeito baixinho de psicopata de filme americano lá dela. Lembra o Murilo que dizia que dava pra ver as espirais nos olhos dela?

...

É.

...

Ela que ligue lá pro primogênito se quiser alguma coisa.

...

Ligou.

...

Três vezes seguidas.

...

E eu só olhando pra telinha e ouvindo a mina das marechais.

...

É.

...

Aqui na esquina das marechais.

...

Não. Não sei o que ela queria

...

Neguinho tem que saber os nomes e os caminhos se quiser dizer alguma coisa pra alguém. Que dirá pra explicar alguma coisa.

...

Escuta só.

### 3. O resto era rotina

Passada a janela, o resto era rotina.

O banheiro em degradê marrom e bege mal era visto, malquisto, coisa cotidiana. Sozinho no banheiro. Bom. Não se preocupar com os barulhos. Há coisas que se devem passar somente entre um homem e seus pensamentos. Se bem que às vezes dava para ler alguma coisa.

Daí direto para o box. Ele acreditava ser muito mais prático ligar o chuveiro antes mesmo de se dirigir ao quarto onde tirava a roupa. Era necessário só um pouco de cuidado com a manga. Assim ele ia esquentando. O chuveiro.

A mulher achava isso um desperdício. De gás.

O contador aposentado Laércio Paula Flores (equivoco de cartório, que o fez passar a vida pensando fosse ele também um equivoco: *nomen = homen*, como dizia o anexam latino. Pronuncia-se anechim) abriu com a mão direita a porta de vidro do box, com a esquerda sentiu a temperatura da água. Com uma habilidade indizível, de primata superior, por ordens de suas desenvolvidas cadeias de neurônios, elas trocaram então de posição (mão esquerda rumo à porta; mão direita na torneira de água fria) enquanto, simultaneamente, suas pernas passavam para dentro do box, por sob um pequeno degrau, que ele nem mediu com os olhos!, seu corpo se desviava do caminho da porta que se fechava (numa esquiwa perfeita e suave) e seus olhos verificavam que, sim, havia

ainda um resto de xampu! Trabalho de equipe.

Tudo junto. Todos juntos, todos em casa. Brilhante. Cotidiano.

#### 4. Sem entender (a terceira a ser avisada)

Eu não sei porque que eles fazem isso. Mas eles fazem. Que ele fica ali me olhando e achando que eu não sei e ao mesmo tempo ele fica ali me olhando e parece que ele acha que eu sei um monte de coisa que eu não sei. Não sei. Ele é esquisito.

Eu sei que ele tá com dor. Mas não dor, dor mesmo. Dor daquela que a gente chora assim de triste. Tocou o telefone e ele atendeu e parecia que era a vó. Ele sempre fica com aquela cara quando é a vó. Mas eu gosto dela. Ela é legal. Pelo menos comigo.

E daí ele ficou triste triste triste, com dor assim de chorar mesmo, que adulto também. Sabe?

E eu disse o que que foi e ele, sabe, bichinho (que ele sempre me chama de bichinho e eu adoro quando ele me chama disso porque só ele que me chama assim, que nem eu chamar ele de papai que ninguém mais chama e ele gosta que eu sei que ele gosta), tem uma partinha na gente, de todo mundo que a gente gosta.

Isso eu consigo entender. Mas eu acho que ele pensa que não. É sempre assim.

Mas daí ele fica quieto, faz assim com os ombros e parece que já dava pra eu entender o que eu tinha que entender. E isso eu não entendo mais. Eu não entendo.

Mas eu sei que ele quer que eu faça que entendi. Eles vivem falando quando não querem falar, e daí querem acabar de uma vez.

Mas eu fico que me dá um desespero. O que que eu posso fazer, com um adulto desse tamanho chorando na minha frente que nem um nenê? É uma injustiça. Que eu fico triste. É um desagrado. Aí eu choro junto, né? Porque não dá. Né? Fica triste.



E quando uma pessoa dessas fica doente, a gente fica meio doente também.

E isso... eu também... conseguia... entender.

## 5. E sem sequer imaginar

Foi nesse momento que alguma coisa fez ploc, em algum ponto, de alguma parte do corpo do contador aposentado Laércio Flores. Ploc. E talvez puf.

Não há de fato muito que se contar. Ele morreu. Ficou ali caído, imóvel, embaixo d'água. Morrído, mortinho da silva.

Doeu, doeu, doeu, na cabeça. Era ali o algum ponto. Um calor. E ele morreu ali morto.

Olha lá, estendido.

E nem era tão grande a tal pança.

Parecia um defunto, ali, defunto. Aparente era só o sangramento na cabeça. Mas esse era acidente, na queda. O que sangrava para fora não dizia nada, nada, nada da morte do contador aposentado Laércio Flores. Já dentro...

A queda.

De um outrora reto peixão financista.

Seus dias de personagem estavam contados.

Quase isso.

Não vamos deixar que descanse em paz.

Ah, nem!

## 6. O que foi que realmente aconteceu;

Não, eu liguei.

...

Liguei, putcha la vida, Moema.

...

Não. Agora eles já tão aqui, os cara da ambulância.

...

Não sei.

...

Não sei.

...

Eu sei. Mas eu nem pensei nisso, caramba. Eu só pensei que eu não queria incomodar o Hélio, porque ele tava lá com a menina e tudo, e eu fiquei ligando, ligando, eu devo ter ligado umas sete vezes pro Paulo e nada. Eu não sabia o que fazer aqui sozinha.

...

Não sei.

...

Não sabendo, porra! Escuta Moema, ele teve um treco. Eu só escutei ele despencando no banheiro e fui lá ver ele caído, ai meu Deus, o que que vai ser de mim, agora que eu estou falando parece que eu estou vendo tudo de novo, que parecia que ele tinha batido a cabeça, mas ele não acordava, cê tá me entendendo, Moema, ele não acordava, e eu sacudi ele e fiquei toda molhada, e ele lá caído morto no chão. Mas ele não tava morto, cê me entende? Ele tava lá caído que nem morto.

**7. Mas será que alguém é capaz de me dizer de uma vez por todas o que foi que realmente aconteceu?**

Parecia morrer. Mas ainda doía.

E pronto.

Era só.

**nota:**

(Betina é filha de Betina. Seus pais são divorciados. Já os de Betina só se separaram, nunca foram casados. Os pais de Betina também nunca gostaram do genro, sabiam desde o começo, eu não te disse? Betina não é casada. Nunca foi. Mas não está com ninguém. Não. Desde que se separou de Hélio. Hélio nunca foi casado. E está sozinho. Mas fica com Betina a cada quinze dias. Hélio tem dezenas de tias. As tias de Hélio têm idades que variam desde uma idade avozal plausível até poucos anos a mais que ele. As tias de Hélio são todas, todas imortais. Nem pedras nem paus. As tias de Hélio, pelo que nos interessa, são todas irmãs de Hiléia. Pai nativista, sabe? Sangue charrua. Hiléia é imortal. Já teve três tumores malignos (malignos, não: pérfidos) tem oitocentas e setenta e quatro doenças crônicas e agudas (simultaneamente e simultaneamente). Na semana passada um caminhão que carregava postes de luz fez uma curva mais aberta e varreu a cabeça de Hiléia com o pé de um poste. (O foda foi que eu fiquei meio tonta e não consegui guardar o número da placa do filho de uma puta). Os maridos das charruas imortais vinham obedientemente morrendo na ordem que o senhor lhes assignara. Da filha mais velha para a mais nova. As menina. O contador aposentado Laércio Flores devia ter suspeitado. Alexandrino e Silvemar já eram história. Vão com Deus. Há também um tio. O coitado do Silvinho, que casou com aquela polaca malvada, que destorva a vida do menino. Um guri que prometia tanto. E Paulo é o irmão. Tem mulher e nove filhas. No Acre. Euterpe e suas irmãs.

No Acre?

No Acre...  
Euterpe?)

## 8. Ele sabe (mais ou menos)

Minha senhora, seu marido teve foi um derrame.

Mas assim, sem nem dar aviso?

É. Às vezes as coisas acontecem desse jeito mesmo.

Sem mais nem menos.

É. É um jeito de dizer. Se bem que pelo histórico que os seus filhos forneceram, ele tinha todo o perfil da vítima de derrame. Má alimentação. Vida sedentária... A faixa etária, né?

Mas, meu filho, por favor. Se todo velho gordo e encostado for morrer de derrame não tem mais torneio de bocha nesse mundo, né?

...

Tudo bem. Ele teve o derrame. Mas e ele vai ficar como?

Ainda é cedo pra gente saber, dona... Hiléia. Pode haver todo tipo de complicação. Mas a recuperação é simplesmente imprevisível. O cérebro ainda é um órgão muito misterioso. A gente não entende direito o que vai pela cabeça do seu marido, ou de ninguém. Ou de qualquer alguém. Enfim. A senhora me entendeu.

## 9. Os dois

Tudo muito zunido.

Não.

Não é isso. Tudo muito zoado. Tudo muito esquisito. Esquisitado. Um gosto horrível na boca.

Tudo muito ruim. Tudo muito ruim.

E essa luz. Essa luz desgraçada. É da luz, o gosto. Gosto de sódio. De luz de sódio acho. Nunca tinha reparado.

E dói. Meu Jesusinho amado mas como dói. Dói tudo, virgem. Putz.

A cabeça parece que vai explodir. Parece que já explodiu mesmo.

E o cheiro é da luz também. Cheiro do gosto da luz de sódio da dor de cabeça.

Tudo muito lerdo. Tudo muito ralo.

Mas é um hospital.

Isso aqui é um hospital.

Eu tava no banho. Tava no banheiro zunido normal. Quente. Um calorzinho bom. Um calor na cabeça, por tudo. Tomar banho é bom. Esquenta.

Aqui tá frio. Mas ao mesmo tempo tá grudento.

O calor foi embora e só ficou a dor.

Aqui no hospital. Porque isso aqui é um hospital.

E caralho me deixaram sozinho aqui. Cadê aqueles puto? Cadê a Hiléia?

Sozinho aqui fodido com essa luz com gosto de cheiro que não me deixa pensar zunido. Zunindo. Isso.

Dói tentar virar o pescoço. Dói e range.

Oi.

Mas eu não tou sozinho não.

Só pode. Só pode ser. Só pode ser o anjinho.

Mas por que que me foram deixar ela aqui sozinha cuidando (cuidando!) de um velho com cheiro de gosto de sódio? Onde já se viu.

Mas é ela.

É a Betina me olhando com cara de quem acha que não tá entendendo nada.

Mas tá, sim, viu, Tina.

A gente fica velho e entende que já entendia, só era que não entendia que entendia ainda.

Por isso que eu sei, anjinho. Porque você tá aqui.

Por isso que eu sei que eu não morri.

## 10. Nostos

Foi.

...

Ligaram tem coisa de meia hora.

...

A gente arrumou tudo já. A cama de hospital e tudo.

...

Foi. Mas ela só vem a partir de amanhã.

...

Lá no hospital mesmo, que indicaram.

...

Uma *puta* grana. Mas os menino que vão pagar.

...

Tá. Diz que tá. Eu que não sei.

...

A Betina. A Betina que diz que ouviu ele falar. Mas só ela. E criança, né? Sabe como é. Com a gente ele só mexe os olhinhos.

...

É. E aquele braço.

...

A enfermeira diz que nos últimos dias o braço melhorou bem.  
Ela diz que está bem fortinho.

...

É.

...

Mas ele que me venha com essas que eu já lhe amarro esse  
bracinho na cama!

## Bienal (S. Med. *pat. req.*) 5

Um quadro.

(Ainda em fase de conceito e desenvolvimento.)

Para se maximizar o efeito de questionamento e simultânea reafirmação dos valores da pintura “tradicional”, talvez o melhor seja de fato empregar-se um quadro já conhecido, de preferência antigo o bastante para não levantar demasiadas questões de direitos autorais e, ao mesmo tempo, ‘moderno’ o suficiente, radical o bastante para sublinhar o quanto há no conceito de questionamento e reafirmação.

No momento o que nos parece mais adequado é a utilização da obra de J.M.W. Turner.

De especial interesse nas oficinas até aqui vem sendo a tela “O Navio Negroiro”,<sup>1</sup> inclusive por suas ressonâncias, além de técnicas e estéticas (quase “piro-” técnicas), também políticas e históricas.

A sala consistiria de um ambiente côncavo que permitiria penetração (por porta estreita mas não cortinada) até cerca de dois metros. Nessa espécie de bolha seria projetada a tela de Turner, via projetor oculto sobre a porta, com algum sistema de alta definição que permitisse compensar a distorção propiciada pela agora ‘tela’ curva do fundo da sala e gerar uma visão ‘normal’ do quadro quando visto de fora da sala, até o limite da porta.

Uma visão ‘tradicional’, malgrado ampliada, da conhecida e impactante tela de Turner.

1. Hoje no Museu de Belas Artes de Boston.

Cf. [<http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/26/Slave-ship.jpg>]



No entanto, a porta aberta restaria como convite (um dos participantes da última oficina sugeriu a inclusão de uma placa ENTRE sobre a porta).

E no momento em que o espectador ingressasse na sala (ingressasse na obra e no inferno de morte e luz de Turner. E de beleza.) a distorção das paredes começaria se revelar, ao mesmo tempo em que a imagem, dada a compensação digital do projetor, se manteria intacta.

O espectador estaria dentro da obra, com a consciência dessa impossibilidade e dessa deformação.

Idealmente pensando se não seria melhor voltar à porta.

## **Boa noite, tchau, até amanhã**

1.

Ele abriu a porta bem naquela hora.

Ou não. Eu não consigo lembrar se a porta estava fechada mesmo. Em tempos diferentes ela ficou aberta, ela ficou fechada. Mas acho que ficou fechada a maior parte dos tempos diferentes.

Só voltou a abrir quando eu fui morar sozinha. Adulta. E aí acho que era medo mesmo. Que deixava a porta aberta.

Tempos diferentes ainda.

Mas então. Então eu não sei se a porta estava aberta quando ele abriu a porta bem na hora.

Eu comecei a fechar a porta foi pra poder ouvir música no quarto. Até bem tarde. Depois pra poder ler até bem tarde. Até bem tarde mesmo.

Eu acredito que seja mesmo saudável que outras meninas tenham fechado suas portas em tempos diferentes por motivos de ordem sexual. Motivos de ordem sexual.

Eu não tinha motivos de ordem sexual pra fechar a porta quando comecei a fechar a porta. Eu não fechava a porta do banheiro. Quer dizer, não trancava. Mesmo quando realmente eu tinha motivos de ordem sexual que podiam ter me levado a querer fechar a porta do banheiro.

A bem da verdade ele também abriu essa porta um dia bem naquela hora.

Aí eu comecei a fechar a porta do banheiro também.

Mas acredito que eu fosse também basicamente saudável. Mesmo não fechando a porta do banheiro, ou a do quarto. Se bem que, se eu realmente tiver que parar pra pensar, eu vou ter que dizer que naquela época eu já fechava, sim, a porta do quarto.

A questão é saber ou lembrar se naquela hora a porta já estava fechada, porque afinal de contas eu ainda não estava indo dormir. Eu não tinha dito boa-noite.

Depois de dizer boa-noite ia ter sido normal fechar a porta do quarto pra dormir. Ou pra ouvir música, ou ler. Ou pra fazer as coisas que naquela época eram realmente o que eu fazia depois de fechar a porta do quarto.

E que pode ser que eles pensassem ter relação com motivos de ordem sexual.

Mas o simples fato de ele ter aberto a porta assim de repente mostra que não, que eu ainda não tinha dito boa-noite, que eu ainda não estava oficialmente indo dormir, e que portanto (quase escrevi que portento) a porta devia estar aberta.

Ou pelo menos encostada. O que vale mais ou menos a mesma coisa, eu acho.

Mas então. Então ela abriu a porta. E me pegou bem no meio de uma das coisas que na época me ocupavam, meio que me determinavam na hora de ir dormir, embora eu conseguisse me livrar delas em um ou outro grau durante a maior parte do dia. Menos das contas.

Das contas não.

Como as coisas que me ocupavam não eram de ordem sexual, eu sabia que não precisava ter vergonha. Eu sabia na verdade que aquelas coisas não seriam nem identificadas como coisas pelos outros. A não ser por ela. Mas ela certamente a essa hora estava ocupada no quarto dela com as coisas dela, que até hoje eu não sei quanto eram ou não eram parecidas com as minhas. Coisas.

É quase certo que ele estivesse era vindo do quarto dele nessa hora. Que ficava mais perto do banheiro. Mais perto da escova de dentes. Bem embaixo da luz acesa.

A luz ficou acesa anos a fio.

Primeiro porque ela tinha medo do escuro, de ficar sozinho, depois que eu saí do quarto dela. Depois eu não sei mais. Ela

continuou tendo medo muito tempo, depois que eu saí do quarto dela. Eu até às vezes tive que voltar pro quarto dela. Assim no meio da noite. Ouvindo choro. Mas acho que uma hora ela deve ter parado de ter medo.

A gente sempre para, né?

Não para?

2.

Mas a lâmpada a essa altura já estava acesa, e ficou acesa.

E a lâmpada inclusive virou mais uma coisa. Uma das coisas. Porque ninguém tinha memória de jamais ter trocado a lâmpada. Que era uma lâmpada bem fraca, que era acesa só uma vez por dia, o que deve ter contribuído pra retardar o desgaste da lâmpada.

Mas. Mesmo assim. Não era normal uma lâmpada que não acabava nunca. E uma lâmpada é uma luz. E uma luz que não acaba nunca tinha que virar uma das coisas.

Mas quando a lâmpada acabou eu acho que os tempos diferentes meio que já tinham passado, virado outras coisas, porque eu não lembro de qualquer angústia enorme por causa da queima da lâmpada que não apagava.

Mas quem acendia a lâmpada eu acho que era a mãe.

Mas eu lembro de eu mesma ter acendido. Sei lá se isso mais pra frente, quando eu já estava mais normal, saudável, provida de interesses de ordem sexual e tudo mais.

A luz do meu quarto também estava acesa quando ele abriu a porta naquela hora. Na verdade a luz, a lâmpada do meu quarto era basicamente o meu único interesse no mundo naquela hora em que ele abriu a porta. Ainda era só o começo de tudo que eu tinha que fazer naquela noite, e a coisa da lâmpada era

suficientemente nova na minha lista pra ocupar mais tempo e mais devoção que qualquer das outras.

No quarto.

Eu sabia que ele não podia entender aquilo. Ou que aquilo era um aquilo. Ou que havia naquilo qualquer coisa pra se entender.

Mas eu sabia. E eu não consegui entender como podia um pai não ver no rosto de uma filha que ela estava perdida em coisas muito sérias, muito mais duras do que se poderia esperar que suportasse uma criança normal sujeita a desejos e inquietações tipo de ordem sexual.

Como é que ele podia ter aberto aquela porta, olhado pra mim e nem mesmo levantado uma sobrancelha de esquisitamento. Como é que ele podia ter me dado boa-noite e. Sei lá. Acho que ele deve ter me dado um beijo. Sem nem parecer se perguntar o que eu estava fazendo. Por que eu estava fazendo. Sem me dizer pra parar de fazer aquelas coisas que ele não podia ver porque eu sabia que só eu podia entender.

Porque elas pareciam normais. Coisas normais.

Porque ninguém podia ver dentro da minha cabeça, que era onde as coisas aconteciam, mesmo que elas gerassem marcas que seguramente se manifestavam no meu corpo. Suores. Tremores. Unhas nas palmas das mãos. Unhas intencionalmente aplicadas em outros pontos das mãos.

Eu acho que uma ou outra lágrima. Mas devia ser bem de vez em quando. E era frustração.

Mas tudo isso era silencioso.

E a porta seguramente estava fechada seguramente.

Tudo que eu sabia que ele estava vendo era uma menina plantada no meio do quarto, com as mãos erguidas numa posição que era a mesma posição de quem reza um pai nosso numa igreja em que as pessoas estão suficientemente interessadas na sua própria salvação pra ainda erguer as mãos diante dos olhos quando

dizem a oração que o senhor nos ensinou, mas não mais suficientemente interessadas em ter qualquer contato com o sujeito que está do lado pra efetivamente segurar a mão dele, olhando pra cima.

Ele deve ter pensado que eu estava rezando.

E jamais teria imaginado que a luz era a da lâmpada. Que me interessava.

Eu sabia.

Mas eu não conseguia entender.

Mas mesmo assim o que eu fiz fui dar por terminada a coisa da lâmpada. Era assim que elas terminavam na maior parte das vezes. Dadas por. Terminadas.

Agora é que as coisas iam realmente começar.

E tinham que começar no quarto dela. Mesmo que só de passagem. Mesmo que só antes da volta às minhas coisas.

Boa noite, tchau, até amanhã.

Boa noite, tchau, até amanhã.

3.

Tudo dependia de mim.

Absolutamente tudo. O mundo e o universo.

E isso era a maturidade naquele momento. Eu deixava a crença infantil de que o mundo, tudo, e o universo, se resumia a mim. O solipsismo do neném. E chegava à compreensão de que havia todo um mundo e um universo inteiro, e política, e dor e falta.

E tudo, tudo isso pendia integralmente de cada mínima ação que eu realizasse sem a devida preocupação ritual.

Eu não tinha no horizonte que podia magoar o meu pai, ou deixar o meu pai preocupado com as atitudes estranhas da filha.

Única e simplesmente porque o que estava em jogo era

tremendamente maior. O mundo poderia muito bem deixar de existir, pura e simplesmente, naquela noite se eu não cumprisse direito os rituais que, de alguma maneira, cabiam unicamente a mim.

Mas isso nunca se converteu em alguma noção de especialidade, de ter sido escolhida.

Até porque de alguma maneira eu sabia que no quarto da minha irmã, desde que ela saiu do nosso quarto, o futuro do mundo estava também sendo decidido, sem que ela tivesse dito qualquer coisa a respeito.

Não ria, por favor.

4.

(Foi por isso que elas começaram a dizer boa-noite, tchau, até amanhã.

Porque as palavras tinham um peso. Porque as coisas em torno delas estavam absolutamente impregnadas de significação e de uma significação que se estendia a todas as esferas celestes.

Aquela lâmpada que não queimava.

Nela e na sua continuidade repousava o repouso do mundo.

Boa noite.

Toda noite.

Antes de dizer bençãmãe, bençapai.

A garantia de estar. Abençoadas.

Mas elas não pensavam no inferno. Não pensavam na morte. Só restavam as obrigações.

Toda noite.

Boa-noite era mera convenção. Todo mundo diz boa-noite. Simples afirmação de obediência a um registro de simpatia.

Boa-noite queria dizer, muito menos que boa-noite, que

a pessoa que dizia boa-noite queria ser considerada como uma pessoa que se preocupava com a boa-noite da pessoa com quem falava.

Boa-noite era reflexo.

Ela até hoje diz um bom-dia pra você. E diz quando *sai*.

Ela não desistiu de tentar empurrar as palavras e o desejo pra fora da fôrma da convenção.

Elas sabiam que as palavras eram muito.

E naquele mundo em que tudo era o mundo. As palavras não poderiam deixar.

Daí tchau.

Boa-noite era só uma saudação.

Era muito mais pessoal dizer tchau. Dizer tchau não queria dizer que elas estavam indo embora um do outro, mas queria dizer que estavam ali.

Que elas estavam no que diziam.

Dizer tchau era dizer oi. Era de verdade.

Boa noite, tchau.

Até pouco tempo elas dormiam num mesmo quarto. Quando as pessoas mais altas que elas decidiram que elas tinham crescido, foram postas em dois quartos diferentes. E ela rapidamente fechou a porta do quarto.

Mas o tchau era ainda também a marca dessa despedida de cada noite.

(Na verdade ela não lembrava. Não saberia dizer se tinham começado a dizer tchau antes mesmo da mudança de quartos. E na verdade não sabia dizer o que exatamente isso significaria.)

O tchau era a despedida verdadeira.

O que dava um certo medo.

De início, depois de dizer boa noite, tchau, restava um segundo gélido, estranho, em que elas se olhavam do alto das camisolas de flanela (azul a dela, bege a da irmã: as duas mais do que



necessárias num apartamento em que a umidade escorria das paredes no inverno) e estranhavam o peso.

Ele sabia que depois daquilo era ir pro seu quarto sozinha e enfrentar todos os ritos e todas as obrigações. Sabia que a noite ainda acordada seria tudo menos boa, e de alguma maneira sabia que a sua irmã faria coisa parecida, que portanto estavam tudo menos se despedindo realmente.

Estavam apenas se destacando.

E isso sempre acontecia no quarto da irmã.

Era ela quem ia. E ela quem fechava a porta.

Mas restava o frio.

E um dia o a sua irmã disse até amanhã.

Não. Nós não vamos morrer durante a noite. Nós precisamos deixar claro agora que contamos com uma boa noite, que contamos com o desejo, real, de uma boa noite de uma e de outra e que contamos com o fato seguro, certo, de que amanhã voltamos a nos ver.

Boa noite, tchau, até amanhã.

Isso durou bastante tempo.

Certamente mais de um ano.

Tempo que bastou, pelo menos, pra fazer com que passassem a dizer com mais velocidade, sem sequer pensar, sem frios e silêncios. Tempo pra que a obrigatoriedade (muito, muito maior que qualquer convenção social) de dizerem aquelas coisas se transformasse não mais numa despedida do mundo sem significado do dia inteiro pra entrada no peso do começo da noite de sono, mas sim num primeira coisa a se cumprir de forma correta.

Não apenas a ser dita.

Mas a ser dita de forma correta.

Na posição correta. No lugar certo. Com a certeza de que ambas ouviram e pronunciaram.

E começaram a por vezes encenar essa despedida bem mais

de uma vez por noite, conforme acreditassem não ter sido justa a última réplica.

E a mãe começou a rir delas por isso.

Boa noite.)

5.

Ele foi dormir.

Eu fui dizer pra ela.

Voltei.

Devo ter voltado à lâmpada. Eu não posso ter certeza. Faz bastante tempo.

Mas se não foi a lâmpada foram os quadros, os chinelos, o crucifixo, a cabeceira da cama, as cortinas. As listas e os desejos. Se não foi a lâmpada foi qualquer outra coisa.

Era assim,

eu me colocava no meio do quarto...







***Ensaio sobre o entendimento humano***

foi composto na tipologia Garamond Premier Pro.  
Miolo em papel pólen 80 gramas. Capa em cartão 250 gramas.  
Impresso no parque gráfico da Imprensa Oficial do Paraná,  
em Curitiba, no mês de novembro de 2013.



Vencedor na  
Categoria Conto

O **Prêmio Paraná de Literatura** — criado em 2012 pela Secretaria de Estado da Cultura, por meio da Biblioteca Pública do Paraná — busca valorizar e fortalecer a produção literária brasileira contemporânea. Em sua segunda edição, o concurso selecionou obras inéditas, de autores de todo o Brasil, em três categorias que homenageiam figuras importantes da literatura paranaense: Romance (prêmio Manoel Carlos Karam), Conto (prêmio Newton Sampaio) e Poesia (prêmio Helena Kolody). Cerca de 900 trabalhos foram inscritos e analisados por uma comissão julgadora que definiu um vencedor em cada categoria. Os três livros foram editados pela Biblioteca Pública do Paraná e distribuídos para as principais bibliotecas do País.

